



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ELIZEU IDALINO MOURA

***“DO LIMÃO, UMA LIMONADA!” AÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR NO PERÍODO
PÓS-PANDEMIA: um estudo com gestores e discentes de escolas públicas da
microrregião de Princesa Isabel - PB***

**GUARABIRA-PB
2023**

ELIZEU IDALINO MOURA

“DO LIMÃO, UMA LIMONADA!” AÇÕES DA GESTÃO ESCOLAR NO PERÍODO PÓS-PANDEMIA: um estudo com gestores e discentes de escolas públicas da microrregião de Princesa Isabel - PB

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Curso de Pedagogia do Departamento de Educação do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Área de concentração: Gestão Educacional

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva.

**GUARABIRA-PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M929d Moura, Elizeu Idalino.

"Do limão, uma limonada!" ações da gestão escolar no período pós-pandemia [manuscrito] : um estudo com gestores e discentes de escolas públicas da microrregião de Princesa Isabel - PB / Elizeu Idalino Moura. - 2023.

59 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva., Coordenação do Curso de Pedagogia - CH. "

1. Pandemia. 2. Ensino Remoto. 3. Retorno ao ensino presencial. 4. Gestão Escolar. I. Título

21. ed. CDD 371.2

ELIZEU IDALINO MOURA

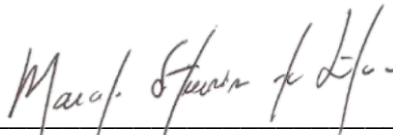
**“Do limão, uma limonada!” Ações da gestão escolar no período pós-pandemia:
um estudo com gestores e discentes de escolas públicas da microrregião de
Princesa Isabel - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Curso de Pedagogia do Departamento de Educação do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

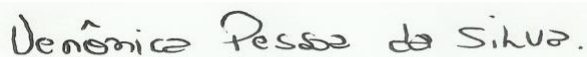
Área de concentração: Gestão Educacional

Aprovada em: 28/06/2023

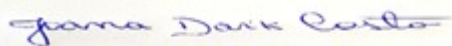
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Saturnino da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Joana Dar'k Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu avô Antônio Idalino da Silva (*In Memoriam*), você foi luz no meu caminho,
e em você me fiz.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por minha saúde e por todas as dádivas a mim concedidas, agradeço.

A toda a minha família, em especial, à minha mãe Eliza Helena, ao meu pai Erivaldo, à minha avó Creuza e ao meu Avô Antônio, que sempre me apoiaram e me incentivaram. Ao meu irmão Erick e à minha prima Giselle, que também sempre me apoiaram e me incentivaram a melhorar, além de trazer conforto e ajuda em diversos momentos, agradeço.

Aos amigos de longas datas Ana Alice, Ana Lúcia, que sempre me apoiaram e tenho muito apreço. E aos amigos que tive a honra de conhecer durante quatro anos de graduação (Rafaela Barbosa, Geane de Lima, Andre Luis Nunes, Valdeli Rufino, Raíssa Sena, Rossanna Sena, Hillary Alfredo, Weydja Soares, Byanca de Lourdes, Jailson Roseno, Rafaela Dionísio.) e a todos aqueles (as) por quem tenho um grande carinho e admiração, que juntos partilhamos diversos momentos de aprendizados e de brincadeiras, tornando esses anos mais leves, agradeço.

À minha turma de Pedagogia, 2019.1 matutino, agradeço por todas as aprendizagens e conhecimentos partilhados. Em especial, aos meus amigos e amigas de luta da UEPB (Emy Agostinho, Janielly P. Matias, Andressa Palhano, Raphaela de Oliveira, Maria Paula, Fernanda dos Santos e Nichely Amanda) pela amizade, companheirismo e por estarem ao meu lado me apoiando e ajudando durante esses longos 4 anos na graduação, agradeço.

Ao meu querido professor, orientador e amigo, Prof. Dr. Marcelo Saturnino, que sempre me incentivou, me apoiou e me conduziu na minha caminhada acadêmica, que sempre levou com leveza as orientações deste trabalho. Por sua competência, paciência e sensibilidade, porque foi um grande parceiro, agradeço.

À minha querida professora e amiga Profa. Dra. Verônica Pessoa, por todos os ensinamentos durante o período de monitoria em Educação Popular, por todos os conselhos, orientações, conversas descontraídas, pelo apoio e incentivo de sempre, por ter me ensinado que esperar é necessário, agradeço.

À minha querida professora Profa. Taises Araújo, por todos os ensinamentos e diálogos durante as minhas monitorias de Tecnologia na Educação e Educação à Distância, agradeço. Cada conversa foi importante para meu desenvolvimento profissional e para aperfeiçoar e desenvolver habilidades.

Aos professores e professoras do Curso de Pedagogia e demais cursos da UEPB, em especial aos professores e professoras: Joana D'ark, Francineide Batista e Ingrid Biserra, que através delas me encontrei no curso, me identificando no primeiro período. A Estevam Dedalus e as professoras Thayana Priscila, Germana Alves, Josilene Rodrigues, e a todos os professores que ministraram seus componentes com destreza e que me guiaram para os caminhos do conhecimento, contribuindo para minha formação pessoal e profissional, agradeço.

Aos meus colegas e amigos do grupo de pesquisa “Grupo de estudo e Pesquisa Interdisciplinar em Educação, Saúde e Trabalho – GEPIEST”, do qual tive a honra de participar como voluntário na pesquisa desenvolvida em Princesa Isabel-PB e dos encontros do grupo de estudo, ao lado de Gessica Quênia, Naiara Evaristo, Mariane Barbosa, Camyla Silva, Ruth Fabricio, Iarityça da Silva, Ramil dos santos, Mércio Silva, Geann Felipe, Lucas santos, agradeço.

Aos alunos que conheci durante as três monitorias que ministrei, em especial, a Ketlyn Beatriz, Samira, Rosane, Janaina, Lucicleia, Rafael, Milena. Juntos, partilhamos diversos momentos, nos quais formei grandes amigos e companheiros que estimo, construindo diversos conhecimentos e compartilhando nossos saberes, agradeço.

Aos funcionários da UEPB, particularmente, aos do Departamento de Educação, da Biblioteca e da equipe de apoio, pela presteza e atendimento quando necessário, agradeço.

Aos motoristas dos ônibus matutino Valério e ao motorista noturno Luciano, por sua dedicação, o cuidado e carinho comigo e os demais estudantes. E a todos meus colegas do “busão”, pelo companheirismo durante esses anos (Thais, Maria Heloisa, Jakeline, Cristina, Aldeyse, Fabíola e Gabriel), que fizeram o longo e cansativo caminho para a Universidade se tornar alegre e divertido e, em momentos de desânimo, traziam palavras de conforto e esperança, agradeço.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.
(PAULO FREIRE, 1997, p.155)

RESUMO

O presente trabalho discute sobre a escola no contexto pós pandemia, refletindo sobre o ambiente escolar a partir das implicações da Covid-19, objetivando averiguar os principais impactos da pandemia e do ensino remoto no cotidiano das escolas públicas municipais e estaduais da Microrregião de Princesa Isabel-PB, considerando as lacunas existentes no processo de ensino e aprendizagem e as ações implementadas pela gestão escolar nos limites resultantes do retorno ao ensino presencial. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza quali-quantitativa. Fez-se uso da pesquisa bibliográfica e de dados secundários de uma pesquisa de campo, do qual o autor deste trabalho participou na condição de pesquisador voluntário e, também, de entrevista semiestruturada. Os dados foram coletados em sete (07) escolas públicas da microrregião de Princesa Isabel-PB, precisamente dos municípios de Juru, Princesa Isabel, São José de Princesa e Tavares. Participaram da pesquisa: (a) 256 discentes, distribuídos em 7 escolas públicas, matriculados entre o 8º ano do Ensino Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio; e (b) quatro gestores e uma vice gestora. Os dados permitem concluir que o contexto da pandemia e do ensino remoto reverberou de forma negativa no processo de ensino e aprendizagem e que, por ocasião de retorno ao ensino remoto, as instituições escolares buscaram implementar um conjunto de ações visando fazer frente às lacunas derivadas do contexto do ensino remoto. Conclui-se, ainda, que tais ações, muito embora tenham sido bem avaliadas por gestores e discentes, não foram pensadas pelo conjunto dos atores escolares, tratando-se quase sempre de atividades pensadas e implementadas verticalmente. Espera-se que o trabalho possa contribuir para avaliação das medidas tomadas pelos gestores no retorno às atividades presenciais, bem como a construção de outras medidas que dialoguem com as necessidades de aprendizagens dos educandos e que, ao mesmo tempo, considere esses sujeitos em sua integralidade, não os reduzindo apenas a dimensão cognitiva.

Palavras-Chave: Pandemia, Ensino Remoto, Retorno ao ensino presencial; Gestão Escolar.

ABSTRACT

This paper discusses the school in the post-pandemic context, reflecting on the school environment from the implications of Covid-19, aiming to investigate the main impacts of the pandemic and remote teaching on the daily lives of municipal and state public schools in the Microregion of Princesa Isabel-PB, considering the gaps in the teaching and learning process and the actions implemented by school management in the limits resulting from the return to classroom teaching. Methodologically, this is a qualitative research. We made use of bibliographic research and secondary data from a field research, in which the author of this work participated as a volunteer researcher, and also from semi-structured interviews. The data were collected in seven (07) public schools in the micro-region of Princesa Isabel-PB, precisely in the municipalities of Juru, Princesa Isabel, São José de Princesa and Tavares. Participated in the research: (a) 256 students, distributed in 7 public schools, enrolled between the 8th grade of Elementary II to the 3rd year of High School; and (b) four managers and one vice-manager. The data allow us to conclude that the context of the pandemic and remote teaching reverberated negatively in the teaching and learning process and that, when returning to remote teaching, the school institutions tried to implement a set of actions aimed at addressing the gaps derived from the remote teaching context. We also conclude that, although these actions have been well evaluated by managers and students, they have not been thought of by all the school players, and are almost always activities thought out and implemented vertically. It is hoped that this work can contribute to the evaluation of the measures taken by managers in the return to classroom activities, as well as the construction of other measures that dialogue with the learning needs of students and, at the same time, consider these subjects in their entirety, not reducing them only to the cognitive dimension..

Keywords: Pandemic, Remote Learning, Return to Face-to-Face Learning, School Management.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Período de suspensão de aulas.....	30
Gráfico 2 – Notícia sobre a remodelação de ensino.....	31
Gráfico 3 – Sentimentos com a adoção do ensino remoto.....	31
Gráfico 4 – Nível de adaptação no ensino remoto.....	32
Gráfico 5 – Metodologias utilizadas por professores.....	34
Gráfico 6 – Avaliação dos métodos avaliativos.....	35
Gráfico 7 – Exposição de Tela.....	36
Gráfico 8 – Avaliação do Nível de Aprendizagem.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Escolas Pesquisadas.....	28
Tabela 2 – Dados Pessoais dos Gestores.....	39
Tabela 3 – Dados dos Discentes Entrevistados.	40
Tabela 4 – Avaliações das medidas iniciadas pela gestão.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EaD	Educação a distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GEPIEST	Grupo de estudo e Pesquisa Interdisciplinar em Educação, Saúde e Trabalho
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
SOS	Síndrome do olho seco
SRAG	Síndrome Respiratória Aguda Grave
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A PANDEMIA DA COVID-19: IMPACTOS NA SOCIEDADE E NA EDUCAÇÃO	18
1.1 <i>Implicações da pandemia para a sociedade e para a educação</i>	19
1.1.1 <i>O contexto do Ensino Remoto</i>	20
1.1.2 <i>Adoecimento docente no contexto do ensino remoto</i>	21
1.2 <i>A repercussão da pandemia no processo de aprendizagem</i>	23
1.2.1 <i>Uma sala de aula feita de “carinhas”: onde fica a interação?</i>	26
1.2.2 <i>Exposição às telas no contexto do ensino remoto</i>	27
2 A REPERCUSSÃO DA PANDEMIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	28
2.1 <i>Apresentação dos informantes</i>	28
2.2 <i>Sobre a implantação do ensino remoto</i>	29
2.3 <i>Percepção dos discentes sobre as metodologias utilizadas</i>	33
2.4 <i>O eu, o outro, o nós: a ausência do outro</i>	36
3 O RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL – DESAFIOS PARA A GESTÃO ESCOLAR	39
3.1 <i>O que dizem os gestores</i>	40
3.1.1 <i>Retorno ao ensino presencial</i>	42
3.1.2 <i>Medidas tomadas pela escola no retorno ao presencial</i>	44
3.2 <i>O que dizem os discentes</i>	47
3.2.1 <i>Olhares sobre as medidas tomadas pela Gestão na volta ao presencial</i>	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55
APENDECE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GESTÃO ESCOLAR	58
APENDECE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS DISCENTES	59

INTRODUÇÃO:

No final do ano de 2019 e início de 2020 a humanidade vivenciou um momento atípico marcado pela pandemia provocada pelo vírus SARS-CoV-2, popularmente denominada de Covid-19. No plano educacional, essa realidade acarretou a implementação de uma nova forma de ensino: remoto ou emergencial, impactando o processo de mediação pedagógica no âmbito das instituições educativas.

Importante frisar que as escolas, gestores e professores não estavam preparados para tal modalidade de ensino, tendo em vista que foram formados para o ensino presencial, caracterizado, dentre outras coisas, pela interação e pelo contato físico e visual, em tempo real, com os educandos.

Em relação às escolas públicas, é necessário considerar que elas atendem, majoritariamente, alunos provenientes de famílias de baixa renda, muitos dos quais tiveram dificuldades de acesso aos recursos e instrumentos tecnológicos, indispensáveis no contexto do ensino remoto.

Assim, mesmo compreendendo a importância dessa modalidade de ensino no período de pandemia, há que se levar em conta as sérias lacunas de aprendizagens apresentadas pelos educandos em decorrência da fragilidade do ensino remoto, sobretudo nos contextos de pobreza e vulnerabilidade, fragilidades essas que foram evidenciadas no período de pós-pandemia, isto é, no contexto do retorno ao ensino presencial.

Diante do exposto, faz-se necessário refletir sobre os posicionamentos da gestão escolar referentes ao retorno presencial, questionando quais medidas foram (ou deveriam ter sido) adotadas para melhorar e amenizar as lacunas de aprendizagens acarretadas pelo ensino remoto.

Nesta perspectiva, o objetivo geral deste trabalho é averiguar os principais impactos da pandemia e do ensino remoto no cotidiano das escolas públicas municipais e estaduais da Microrregião de Princesa Isabel-PB, considerando as lacunas no processo de ensino e aprendizagem, e as modificações implementadas pela gestão escolar no contexto pós-pandêmico. Para tanto, foram elencados os seguintes objetivos específicos:

(a) Refletir sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na sociedade, especificamente na educação;

(b) Refletir sobre os impactos da pandemia e do ensino remoto no processo de ensino e aprendizagem no âmbito das escolas pesquisadas;

(c) Identificar as principais modificações nas escolas pesquisadas no período pós-pandemia;

(d) Analisar as medidas tomadas pela gestão escolar, das escolas pesquisadas, na perspectiva de sanar as lacunas provocadas pelo ensino remoto;

(e) Refletir sobre a percepção dos adolescentes e jovens estudantes das escolas pesquisadas acerca das mudanças no ensino pós-pandemia;

Importante ressaltar que o interesse pela temática surgiu durante a participação do autor deste trabalho, como pesquisador voluntário, na pesquisa **“AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO REMOTO NO COTIDIANO, NA SAÚDE E NA APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES E JOVENS DE ESCOLAS PÚBLICAS DA MICRORREGIÃO DE PRINCESA ISABEL-PB”**, orientada pelo Prof. Marcelo Saturnino da Silva, no âmbito do PIBIC/UEPB, cota 2021–2022 e, cuja coleta de dados, foi realizada no segundo semestre de 2022, na microrregião de Princesa Isabel-PB. Os dados foram colhidos nas cidades de Juru, Princesa Isabel, Tavares e São José de Princesa, sendo que em cada um desses municípios foram selecionadas duas escolas, uma da Rede Estadual de Ensino e outra da Rede Municipal de Ensino, com exceção do município de Juru, no qual foi selecionada apenas uma escola da rede Estadual, já que não se obteve, em tempo hábil, autorização da rede Municipal.

No decorrer da pesquisa de campo foi possível entrar em contato com a vivência dos estudantes relacionados ao contexto de estruturação das escolas durante e após a pandemia. A partir da escuta desses sujeitos, surgiu a inquietação sobre as medidas tomadas pela gestão no contexto pós-pandemia. Tais inquietações e questionamentos foram aprofundados no âmbito do componente curricular Gestão II.

Neste trabalho, parte-se do pressuposto de que a pandemia impulsionou as modificações nas instituições de ensino, inovações nas práticas de ensino, assim como trouxe impactos negativos no processo de ensino e aprendizagem. Em termo de hipóteses, sugere-se que:

a. A pandemia e o isolamento social provocaram mudanças na estrutura da sociedade em todos os âmbitos, assim como no da educação, o que acarretou

diversas inovações, a exemplo da implantação do ensino remoto em caráter emergencial;

b. Considerando as dificuldades dos docentes no que diz respeito ao acesso e utilização adequada das novas tecnologias bem como as dificuldades dos discentes em termos de acesso aos dispositivos tecnológicos/virtuais demandados pelo ensino remoto, bem como o contexto pandêmico, essa nova modalidade de ensino, embora necessária frente a necessidade de isolamento social, acarretou sérias lacunas no processo de ensino e aprendizagem;

c. No contexto de retorno ao ensino presencial, as escolas precisaram se reorganizar, processo esse que favoreceu a implementação de ações por parte da gestão escolar visando atenuar as lacunas deixadas pelo ensino remoto, no processo de aprendizagem.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza quali-quantitativa. A pesquisa qualitativa trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões de indivíduos, já a quantitativa faz uso de indicadores e tendências que podem ser mensurados matematicamente. Importante considerar que ambas as abordagens não se contradizem, mas, sim, se complementam a partir de suas especificidades (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247).

Em termo de abordagem, fez-se uso da fenomenologia caracterizada pela busca do sentido/significado que os diferentes atores atribuem aos seus comportamentos e ações, o que implicou em um mergulho do pesquisador no universo pesquisado.

No que diz respeito aos instrumentos utilizados, buscou-se trabalhar com a diversidade a partir dos objetivos estabelecidos. Para concretizar o primeiro objetivo, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, do tipo “revisão de narrativa”. Mattar e Ramos (2021, p.46) enfatizam que a revisão de narrativa é menos sistemática, tendo em vista que não necessita de busca de dados, nem aplica critérios de seleção. É normalmente seletiva, seguindo apenas literaturas disponíveis para o autor, que possui total liberdade para seleção de seus materiais, de acordo com suas finalidades.

Para operacionalização dos objetivos (b), (c), (d) e (e), fez-se uso de dados secundários, constituídos pelos arquivos do Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar em Educação Saúde e Trabalho – GEPIEST. Esses dados foram coletados durante pesquisa de campo, já apresentada nesta introdução.

Visando complementar os dados secundários, utilizou-se, no âmbito deste trabalho, de entrevistas com gestores e alguns alunos das escolas pesquisadas. Sobre as entrevistas, concorda-se com Neto (2002, p.57) quando ele afirma que esse instrumento busca informações importantes contidas na fala dos atores sociais, não se tratando de um diálogo sem intenções ou neutro, uma vez que visa coletar dados de relatos, sendo estes de natureza pessoal (entrevista individual) ou coletiva (Grupos Focais).

O trabalho está estruturado em três capítulos, o primeiro que trata especificamente da pandemia da Covid-19 e seus impactos na sociedade, no cenário internacional e nacional; o segundo capítulo, constituído por uma reflexão sobre os impactos da pandemia no processo de ensino e aprendizagem tendo como foco as instituições escolares; e, o terceiro, no qual são apresentadas e discutidas as medidas implementadas pelos gestores escolares no contexto pós-pandêmico. Esses capítulos são precedidos por esta introdução e procedidos pelas considerações finais.

Espera-se que esse trabalho possa favorecer uma reflexão por parte dos educadores sobre a educação e suas fragilidades no contexto pandêmico. Espera-se, ainda, contribuir para avaliação das medidas tomadas pelos gestores no retorno às atividades presenciais, bem como a construção de outras medidas que possam vir ao encontro das necessidades de aprendizagens dos educandos e que, ao mesmo tempo, considere esses sujeitos em sua integralidade, não os reduzindo apenas a dimensão cognitiva. Por fim, espera-se que o trabalho auxilie a remodelação das políticas públicas na perspectiva de amparar e garantir o direito à educação para as classes economicamente menos favorecidas em qualquer contexto, inclusive no contexto de emergência social, como foi o caso da pandemia.

1. A PANDEMIA DA COVID-19: IMPACTOS NA SOCIEDADE E NA EDUCAÇÃO

No final de 2019, a disseminação de um vírus, até então desconhecido, deu origem à pandemia de Covid-19, cujos efeitos se fazem sentir ainda nos dias atuais. É importante registrar que a Covid-19 é uma doença infectocontagiosa causada pelo SARS-CoV-2, popularmente conhecido por coronavírus, que acomete majoritariamente o sistema respiratório podendo evoluir em sua forma mais grave para a SRAG-Síndrome Respiratória Aguda Grave. De acordo com Brito et al. (2020, p.56), o vírus se dissemina de forma direta de humano para humano, principalmente através de secreções respiratórias, podendo também ser transmitido de forma indireta, através do contato com uma superfície contaminada.

Embora tenha originando-se na China, em finais de 2019, o vírus rapidamente se espalhou no mundo inteiro. No Brasil, a partir de março de 2020, houve um grande avanço de casos de Covid-19, o que demandou a adoção de várias medidas visando evitar uma contaminação em massa. Dentre tais medidas, merece destaque o distanciamento social, então adotado na tentativa de minimizar o índice de contaminação da população.

As medidas de distanciamento levaram ao fechamento de escolas, fábricas, comércios e outros locais públicos onde houvesse aglomerações de pessoas. Martins e Guimarães (2022) destacam que, mesmo com o surgimento de diversas vacinas eficazes disponíveis, a necessidade do isolamento social ainda se fez presente por algum tempo, dada a lentidão no processo de vacinação no Brasil.

Na Paraíba, o Decreto Estadual nº 40.122, de 13 de março de 2020 estabeleceu situação de emergência no Estado e o Decreto 40.141 de 26 de março de 2020 propagou a adoção de medidas temporárias visando a prevenção do contágio pelo novo coronavírus (Covid-19).

Cabe destacar, ainda, o decreto n. 40.168 de 03 de abril de 2020, que dispôs sobre a adoção de trabalhos remotos, para evitar a proliferação da Covid-19, no estado da Paraíba. Tal decreto estabeleceu o fechamento das instituições públicas ou privadas, visando assegurar o distanciamento social e garantindo a efetivação dos protocolos de proteção.

No entanto, vale destacar que mesmo com as medidas tomadas pelo governo do estado, ainda houve uma grande dificuldade em manter o distanciamento. Sobre

isso, de acordo com Martins e Guimarães (2022, p.267), a Paraíba foi um dos estados que se destacou como um dos menos rigorosos nas medidas de distanciamento social.

Para Ribeiro (2021 p. 108), a pandemia pode ser pensada como um “evento crítico”, caracterizado pelo processo de descotidianização do mundo, uma vez que as regras, normas e formas de fazer cotidianas sofreram uma descontinuidade. Muitos indivíduos deixaram de executar suas rotinas diárias, não havendo contato com amigos, família e companheiros(as) de trabalho. A descotidianização remete à quebra dos processos e hábitos rotineiros, em suma, ao fato de que a sociedade deixou de funcionar como funcionava antes. Os eventos críticos são estruturados em três tempos, sendo o primeiro marcado pela emergência do fenômeno provocador (exemplo: a disseminação do vírus, no caso da pandemia aqui analisada); o segundo momento é caracterizado pela perplexidade e desorientação das pessoas e instituições. O terceiro momento é marcado pela reinvenção de novas rotinas, visando a continuidade das ações cotidianas, que passam a assumir novas roupagens. Esse terceiro momento é caracterizado pela reinvenção dos modos de vida.

Quando pensamos no contexto da pandemia, a partir das reflexões de Ribeiro (2021), podemos observar a emergência do evento crítico, com a descoberta do vírus e seus efeitos; o momento da perplexidade, no qual as pessoas e instituições sociais foram tomadas pelo pavor: ruas esvaziadas, medo de contaminação, corrida em busca de remédios, luvas, álcool em gel; e o terceiro momento, no qual a população se reinventou, mudando seu modo de vida, sua rotina.

1.1 Implicações da pandemia para a sociedade e para a educação

Conforme já enunciado no tópico anterior, a pandemia afetou o funcionamento e desenvolvimento de diversos setores como o comércio, os serviços, assim como a educação. O mundo parou, as escolas fecharam e a sociedade mudou sua forma de funcionamento, de comunicação e contato entre os indivíduos.

Sobre a educação, cabe ressaltar que, num primeiro momento (de perplexidade), as escolas fecharam, interrompendo assim o processo de ensino e aprendizagem. Esse fechamento não ocorreu ao mesmo tempo, mas foi vivido em

momentos distintos em cada lugar, a depender do avanço do vírus bem como da resposta do estado, seja em nível municipal, seja em nível estadual.

Num segundo momento, caracterizado pela busca de retomada de suas funções, a escola, assim como outras instituições sociais, passou a realizar escolhas paliativas para dar prosseguimento ao processo de ensino e de aprendizagem, a exemplo do envio de tarefas impressas para os alunos. Posteriormente, foi-se instituindo, em cada unidade escolar, o ensino remoto, com a consequente intensificação do uso de tecnologias digitais (computadores, tablets, celulares) e das plataformas digitais, a exemplo do Google Meet.

Na Paraíba, o governo estadual promoveu formação profissional visando preparar o corpo docente para a atuação no contexto do ensino remoto tendo, inclusive, disponibilizado uma plataforma - Paraíba Educa¹ - contendo materiais de informação/formação constituído por cinco guias com foco na formação remota, biblioteca digital e de orientação, dentre outras. O objetivo era atender as necessidades de professores e alunos no âmbito do ensino remoto.

Entretanto, esta estratégia não foi extensiva ao conjunto da população brasileira. Foram muitos os municípios em que profissionais da educação tiveram que se reinventar sozinhos. Os professores iniciaram uma busca para adaptarem-se ao novo modelo de escola, utilizando e formulando meios de desenvolver suas metodologias por meio dos instrumentos digitais a partir de suas realidades.

O ensino remoto impactou de forma distinta os diferentes sujeitos: família, professores, alunos e funcionários. Na próxima seção, buscar-se-á refletir sobre esses impactos.

1.1.1 O contexto do Ensino Remoto

O ensino remoto ou emergencial foi uma medida estabelecida para continuação das aulas em uma época atípica. Diferentemente dos outros formatos de ensino, este não visa desenvolver-se por um longo período, mas, sim, por um curto período, durante o qual seja necessária sua utilização. Em sua estrutura, esse tipo de ensino não possui uma equipe técnica-pedagógica qualificada nem materiais didáticos

¹ <https://pbeduca.see.pb.gov.br/>

organizados e planejados como na EaD, pois essa modalidade remota é utilizada em circunstâncias emergenciais.

Joye et al. (2020, p.14) referem-se ao ensino remoto como a mudança entre espaço físico, de presencial para *online*, de modo temporário. O termo remoto é utilizado para referir-se à não presencialidade. Assim, destaca que, no ensino presencial, o professor utilizava das videoaulas na sala de aula e também fazia uso das ferramentas virtuais como instrumento de pesquisa; já no ensino remoto, “[...] vê obrigado a transformar a sua ‘sala de estar’ em um estúdio de gravação.”, tendo que formular suas próprias aulas e utilizar das tecnologias como um instrumento de mediação da aprendizagem.

Portanto, ao saírem de suas salas de aulas os educadores encontraram e fizeram uso das tecnologias para mediação do processo de ensino e aprendizagem, passando a utilizar os instrumentos digitais, como celulares, tablets e computadores, não só como ambientes de pesquisas, mas também como canais de interação e mediação pedagógica. Segundo Silva (2008), o computador *online* não é mais um meio de transmissão de informação como a televisão, mas, sim, um espaço de adentramento e manipulação em janelas móveis, que permitem o desenvolvimento de atividades com indivíduos dispersos.

Para utilizar as tecnologias, é necessário que o educador conheça os equipamentos eletrônicos e todas as funções que esses equipamentos podem ofertar, para que possa ser tirado proveito deles no contexto do ensino.

Pode-se dizer que a pandemia, de certo modo, forçou as adequações dos profissionais para os avanços já presentes na sociedade, mesmo considerando que tais adequações tiveram que ser realizadas em caráter emergencial. Sendo assim, o professor buscou novos meios de promoção de suas aulas, compreendendo e aprendendo a interagir com seus alunos, mediados pela tecnologia. Vale salientar que esse momento de modificações não foi fácil, mas foi necessário para o desenvolvimento da sociedade como um todo, não apenas para a área da educação.

1.1.2 Adoecimento docente no contexto do ensino remoto

Essa mudança repentina no funcionamento das instituições gerou sérias consequências para o corpo docente e alunado, impactando suas vidas. O medo e a

incerteza guiaram todo o desenrolar da pandemia, pois mudar não é fácil. Andrade (2020, p.15) salienta que toda mudança necessita de esforços resultando em desgaste físico e emocional. Durante a pandemia, o mundo passou por um tempo sombrio, implicando em danos na saúde de toda a sociedade. Para Pontes e Rostas (2020, p. 284), esse momento de isolamento social exigiu maiores reflexões e compreensões por parte dos professores, sobretudo devido à necessidade de vincular o trabalho com “a casa, família, filhos, pesquisa, aulas, estudo pessoal”, etc.

Andrade (2020, p. 24) enfatiza que na rotina docente, foram incluídas novas atividades, destacando-se o fato de muitos professores terem que aprender a lidar com as tecnologias “em tempo recorde”. As suas aulas passaram a se tornar síncronas e assíncronas; seu trabalho passou a ser realizado em casa, sendo necessário que o docente se adaptasse para receber seus alunos de forma remota; além de que, os acontecimentos desencadeados pelo distanciamento social e o grande número de mortes em todo o mundo levaram à vulnerabilidade emocional e psicológica do corpo docente.

Também o tempo de exposição de tela aumentou. O docente precisou passar mais tempo no computador para planejamento, sem considerar o tempo gasto na aprendizagem para utilização das ferramentas digitais. Para Andrade (2020, p. 26), com a pandemia, os professores foram obrigados a ficar em casa, mas mesmo mediante tais circunstâncias seu trabalho não parou, apenas se intensificou ainda mais, pois as tarefas domésticas se somaram aos trabalhos da escola. Ou seja, seu lugar de lazer e de descanso passou a ser também seu local de trabalho.

Andrade (2020, p. 26-27), destaca que aprender a usar as tecnologias fez com que os profissionais vivenciassem uma intensificação do trabalho, resultando no aumento do estresse e angústia, com impactos para a saúde mental do professor. O quarto do professor virou sala de aula. Isso no contexto do isolamento social implicou na impossibilidade de refúgio para esses trabalhadores.

Através da pesquisa de Andrade (2020, p.31), destaca-se que na saúde física dos docentes foram relatadas dificuldades como dores nas mãos, pés inchados com frequência, dores nas costas e vista cansada. Na saúde emocional, foram relatadas noites em claro, podendo ser resultado de ansiedade, preocupação com o aprendizado dos alunos, cobrança excessiva, falta de recursos, etc. Todas essas pontuações atingem diretamente o professor, uma desencadeando e alimentando a outra, causando dores incessantes e desânimo.

Sobre isso, Andrade destaca que:

Todos os professores (as) relataram que o seu trabalho foi intensificado na pandemia. E quando perguntado sobre como o cenário atual da COVID-19 tem afetado sua saúde física e emocional, levando em consideração a pandemia, como era sua rotina de trabalho, a professora 'A' destacou que está com excesso de trabalho e busca se adequar as novas tecnologias e que não tem apoio dos pais o que a deixa frustrada. (ANDRADE, 2020, p.33)

Assim, o professor que já vinha marcado por situações de sofrimento físico e mental, teve esses sofrimentos intensificados no período pandêmico. Muitos se sentiram sozinhos, sem apoio frente às modificações demandadas pelo ensino remoto, travando uma batalha incessante contra a pandemia, o cansaço e os adoecimentos físicos e mentais.

Compreendemos que o adoecimento docente já vinha ocorrendo na sociedade, desde um longo período, mas que foi intensificado durante esse período de pandemia. Podemos perceber tais implicações através de várias letras de músicas, a exemplo da letra escrita pela professora Stella Nicolau, que tem por título “PROFESSORA NA PANDEMIA”, a qual relata a dor e o sentimento do professor nesse momento, bem como, sua relação com a funcionalidade e a reorganização da educação. Essa música expressa um grito de socorro e agonia. Em alguns de seus trechos, podemos compreender o que significou ser professor no período pandêmico.

Vou confessar uma agonia
Sou professora na pandemia
Desabafar a minha dor
Pois desde março eu moro no computador.
É Google Meet, é aula síncrona e assíncrona
Uma novela pra compartilhar a tela
É o aluno que não liga o microfone
Abre essa câmera e me diga o seu nome
Desabafar a minha dor
Pois desde março eu moro no computador

1.2. A repercussão da pandemia no processo de aprendizagem

Como já salientado no tópico anterior, devido à pandemia, ocorreram diversas modificações na educação, gerando diversas implicações. Como os profissionais da educação, também os discentes foram impactados pelo ensino remoto. A escola não

invadiu apenas a casa dos professores. Também para os alunos o lar passou a ser também a escola, levando-os a terem que conciliar a vida familiar com os estudos.

A rotina das famílias e, conseqüentemente, das crianças, adolescentes e jovens estudantes, se modificou: esses sujeitos viram-se de repente obrigados a conciliar seu tempo de estudo e sua rotina familiar, tendo que ajudar seus pais, cuidar de irmãos e, em muitos casos, dividir o aparelho celular com outros membros da família, seja para também assistirem às aulas, seja para trabalhar.

As desigualdades surgem, mais uma vez, impossibilitando o desenvolvimento de diversas atividades remotas durante a pandemia. Escrevendo sobre as desigualdades sociais e digitais existentes na sociedade e que dificultaram a garantia do direito à educação durante a pandemia da Covid-19, Stevanim (2020, p.10) traz um depoimento muito importante, no qual um jovem de 17 anos precisa trabalhar na colheita do café para poder pagar a fatura da internet e, dessa forma, manter suas rotinas de estudos. Tratava-se de um estudante que, no momento da entrevista, estava sem acesso à internet havia mais de um ano devido a dificuldades financeiras, precisando encontrar um meio de estudar no início da pandemia e continuar se preparando para o ENEM.

Emanuel explica que, em sua escola, os estudantes encontram dificuldades para acompanhar as aulas remotas e manter o cronograma de estudos, por conta da exclusão digital ou pela ausência de espaços apropriados para estudar em casa. 'No campo, boa parte dos estudantes não tem acesso a essas tecnologias, seja porque tem falta de recursos em casa ou por morarem em lugares onde não pega internet'. (STEVANIM, 2020, p.10)

Ora, o jovem entrevistado, assim como muitos outros, precisava trabalhar para manter sua rotina de estudos e para ajudar sua família na renda familiar, sendo que seu tempo de estudo foi reduzido. Além disso, ele precisava por um lado manter seu foco nas atividades da lavoura, o que implicava em desgaste físico, e, por outro lado, manter também o foco no estudo, tornando-se duplamente cansado, tanto física quanto psicologicamente, o que com certeza impactava negativamente na sua rotina de estudos. Além disso, não era raro que esses muitos jovens pobres - seja das periferias das grandes ou pequenas cidades, seja dos espaços rurais - vivenciassem a instabilidade ou a ausência de internet em suas casas, o que impossibilitava qualquer contato dos alunos com as aulas. Como manter um bom desenvolvimento de aprendizagens em um contexto de tanta precariedade e incertezas?

Este é apenas um pequeno relato que traz à tona a realidade de muitos discentes de escolas públicas. Durante a participação na pesquisa realizada na microrregião de Princesa Isabel-PB, escutou-se muitos relatos de que os alunos precisavam ajudar os pais no roçado para pagar as contas, atuando no plantio e na colheita. Alguns ajudavam os pais na mercearia ou mercado para que estes pudessem resolver outras pendências e, assim, manter suas fontes de rendas. Outros, ainda, precisavam cuidar de seus irmãos menores e fazer os afazeres de casa enquanto os pais trabalhavam. Nesse contexto, os adolescentes e jovens relataram que tinham que conciliar os estudos com seus afazeres e, muitas vezes, não conseguiam assistir às aulas. Alguns destacavam que a internet oscilava muito ou que não tinham celulares, precisando usar o da mãe. São relatos que acenam para os empecilhos no desenvolvimento de aprendizagens, que acarretaram baixo rendimento no contexto do ensino remoto.

Stevanim (2020, p.10), através da fala de uma professora entrevistada, salienta que, mesmo contando com uma boa internet e dispositivos móveis compatíveis, alguns alunos não possuíam condições de acompanhar as atividades em suas casas por não possuírem espaços adequados para estudar. Enquanto os professores tinham seus filhos, esposas e maridos para se preocuparem, ou precisavam dos aparelhos para solucionar outras demandas, os alunos possuíam seus irmãos e pais, assim como suas obrigações diárias, o que também dificultava o acompanhamento das aulas.

Stevanim (2020, p.10) destaca que, quando se considera as crianças menores, o ensino remoto foi ainda mais complicado, visto que esses sujeitos, por não possuírem autonomia no seu processo de aprendizagem, necessitariam da presença de seus familiares para garantir a aquisição de conhecimentos. Assim, os pais foram convocados a ocupar o papel de professores para os seus filhos, mesmo que muitas vezes não soubessem lidar com as situações, ou mesmo que não lhes sobrasse tempo devido ao trabalho. Nesse contexto, em muitas situações, as tarefas de ensinar foram passadas para os irmãos mais velhos, avós, tios, primos ou, possivelmente, em alguns casos, aos cuidadores.

1.2.1. Uma sala de aula de “carinhas”: onde fica a interação?

É sabido que a escola é um espaço de interação ao qual os discentes interagem entre si e com os professores, tendo contato com as diversas culturas, ampliando suas visões e concepções de mundo. Stevanim (2020, p. 11) salienta que a pandemia não dificultou o ensino apenas pelos problemas de acesso à tecnologia, mas também pela ausência da interação no ambiente escolar, que é um dos principais papéis da escola. Esse autor traz o relato de uma professora, que enfatiza que a escola é um local de socialização. Portanto, nesse momento de pandemia não se fazia interessante apenas a preocupação com o fornecimento de conteúdos, visto que o conteúdo, por si só, não garante o desenvolvimento dos educandos. Ocorre que no período de pandemia essa dimensão da interação social ficou bastante comprometida.

Deve-se ter a compreensão de que crianças e jovens são seres históricos culturais, que participam ativamente na sociedade e que através dessa dinâmica de troca com os diferentes se educam e se formam. Portanto, com o ensino remoto, as instituições deveriam promover o contato com as diversas culturas, através das tecnologias. Nem sempre as instituições escolares souberam responder a esse desafio. Para Morin (2002, p. 56):

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas.

Portanto, vivemos em uma sociedade repleta de culturas distintas, ricas, vinculando-se ao contexto cultural ao qual os sujeitos estão inseridos. No contexto do ensino remoto, era necessário que professores e instituições buscassem meios para minimizar os impactos causados pela falta de interação social entre crianças, adolescentes e jovens.

É sabido que durante a pandemia foram utilizados nas aulas momentos síncronos – nos quais o aluno tinha o contato com o professor, durante as chamadas *online* - e assíncronos, nos quais o aluno estudava e resolvia suas atividades sem o auxílio do professor. Para Queiroz (2020, p.7), esse momento síncrono, em tempo real, possibilitou aos discentes uma rotina mais próxima do ensino presencial.

Entretanto, essa abordagem trouxe alguns problemas na medida em que nem todos os alunos possuíam uma boa internet, o que reduzia o alcance desses momentos interativos.

Já os momentos assíncronos foram desenvolvidos com estratégias diferentes, visando possibilitar o acesso de todos, incluindo, por exemplo, sequências didáticas e vídeos educativos, aulas gravadas etc., não necessitando de um momento em tempo real, permitindo aos alunos uma maior flexibilidade para realização de suas atividades, mas sem qualquer interação com colegas e professores.

1.2.2. Exposição às telas no contexto do ensino remoto

A exposição de tela é um problema recorrente na sociedade atual, que já ocorria antes da pandemia. A sociedade contemporânea é uma sociedade conectada pelas tecnologias digitais. As crianças, adolescentes e jovens estão imersos nos ciberespaços. Queiroz (2020, p.2) realça que essa crescente exposição às telas tem acarretado muitos problemas na saúde das crianças e jovens, como atrasos no horário de dormir e de acordar, maior sonolência durante o dia, qualidade de sono ruim etc. Essa autora reuniu trabalhos que mostram que a exposição intensa às telas pode até diminuir a liberação do hormônio do crescimento, sendo associada também a transtorno de sono e depressão, sobrepeso, diminuição de níveis de atividades físicas, dentre outros. Tais aspectos já vinham mostrando seu crescimento no seio das novas gerações, intensificando-se mais ainda com o desenrolar da pandemia.

Queiroz (2020, p.4) destaca ainda que a emissão de luz pelas telas pode provocar fototoxicidade, como a síndrome do olho seco (SOS), cujos sintomas são dor de cabeça, desconforto ocular, secura, irritação ou “queimação” nos olhos, diplopia (visão dupla) e visão “borrada”, sendo que o contexto de ensino remoto pode agravar ainda mais esses adoecimentos, gerando repercussão negativa no processo de ensino e de aprendizagem.

Neste capítulo, trabalhou-se a questão da pandemia e seus efeitos na sociedade e na educação. Foi enfatizado suas implicações especificamente nas instituições de ensino, os desafios enfrentados por docentes e discentes.

2. A REPERCUSSÃO DA PANDEMIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Neste capítulo, objetiva-se trazer as falas dos discentes e suas experiências durante esse momento atípico da sociedade e do ensino. Para tanto, busca-se dar voz, sobretudo aos adolescentes e jovens de escolas públicas, sujeitos que foram impactados com a mudança repentina.

Os dados que apresentaremos ao longo deste capítulo são oriundos da pesquisa realizada na microrregião de Princesa Isabel-PB e intitulada “**AS IMPLICAÇÕES DO ENSINO REMOTO NO COTIDIANO, NA SAÚDE E NA APRENDIZAGEM DE ADOLESCENTES E JOVENS DE ESCOLAS PÚBLICAS DA MICRORREGIÃO DE PRINCESA ISABEL-PB**”, que reúne diversos olhares e realidades sobre os impactos do ensino remoto nas instituições de ensino público.

Como já sinalizado, essa pesquisa foi realizada pelo Grupo de estudo e Pesquisa Interdisciplinar em Educação, Saúde e Trabalho – GEPIEST, sob a coordenação do professor Marcelo Saturnino da Silva, do Departamento de Educação do Centro de Humanidades da UEPB. A participação do autor deste trabalho se deu na condição de pesquisador voluntário. Essa pesquisa foi realizada no âmbito do PIBIC/UEPB cota 2021 – 2022, cabendo ainda assinalar que os dados foram colhidos no período de 11 a 15 de julho de 2022 nos municípios paraibanos de Juru, Princesa Isabel, São José de Princesa e Tavares.

2.1. Apresentação dos informantes

Participaram da pesquisa 256 informantes, distribuídos em 7 escolas públicas da microrregião de Princesa Isabel-PB. Todos esses informantes estavam matriculados entre o 8º ano do Ensino Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio. A tabela 01 (abaixo) traz dados relativos ao número de informantes por escola e município.

Tabela 01 - Escolas Pesquisadas

Escola	Cidade	Porcentagem de alunos
Escola Adriano Feitosa	Tavares	17,4%
Escola Arlinda Pessoa	Juru	18,6%

Escola Carlos Alberto	Princesa Isabel	21,1%
Escola Deputado Nominando Muniz Diniz	São José de Princesa	5,4%
Escola José Antas Florentino	São José de Princesa (Povoado Patos de Irerê)	3,3%
Escola Nossa Senhora do Bom Conselho	Princesa Isabel	23,6%
Escola Reunida Padre Tavares	Tavares	10,7%)

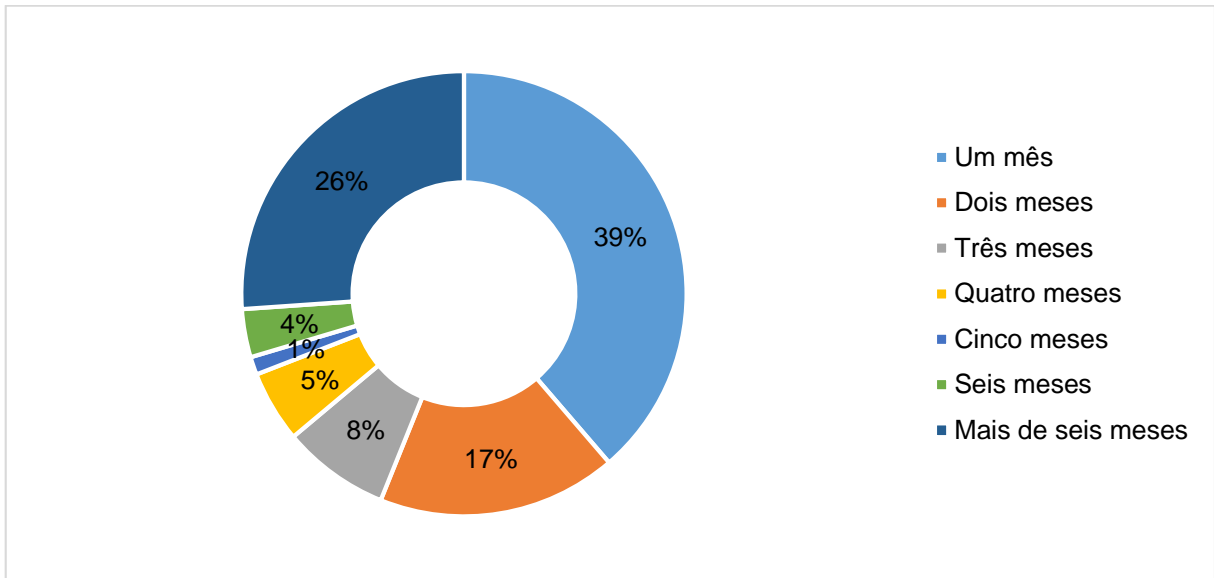
Fonte: Arquivo do GEPIEST

A maioria dos informantes foi composta por mulheres (65,7%). Sobre suas etnias, 62,4% autodeclararam-se pardas(os); 31% autodeclararam-se brancas(os); 6,2%, se autodeclararam pretas(os); e 0,4% se autodeclararam amarelas(os). A maior parte dos informantes relatou residir nas zonas urbanas (55,4%), sendo que 44,4% residia na zona rural dos municípios pesquisados.

Sobre o grupo familiar, a maior parte (38,8%) disse morar com pais, mães e irmãos; 29,8% falaram que residiam apenas com pai e mãe; 12,4%, afirmaram que residiam com apenas um dos pais; 14%, com um dos pais e irmãos; e 4,5% com outros parentes. 46,7% dos informantes afirmaram que o número de pessoas que residia em suas residências variava de 3 a 5 pessoas. A principal fonte de renda familiar declarada pelos informantes incide nas transferências governamentais, tais como Bolsa Família (40%), seguida por agricultura (23,3%), empregos públicos (17,1%), aposentadoria (9,6%), e comércio (2,5%). Em relação à renda familiar, a maioria dos informantes (82,1%) relatou que a família recebe até 1 salário mínimo, seguido de 14,7%, cujas famílias recebem de 1 a 2 salários mínimos.

2.2. Sobre a implantação do ensino remoto

Segundo 88,3% dos informantes, as escolas tiveram que fechar no início da pandemia, tendo todas as suas aulas suspensas, sendo que esse tempo de suspensão chegou a durar meses até ocorrer a implantação do ensino remoto. No gráfico 01, podemos observar o período de tempo que os alunos ficaram sem estudar e que o ensino passou por adaptações.

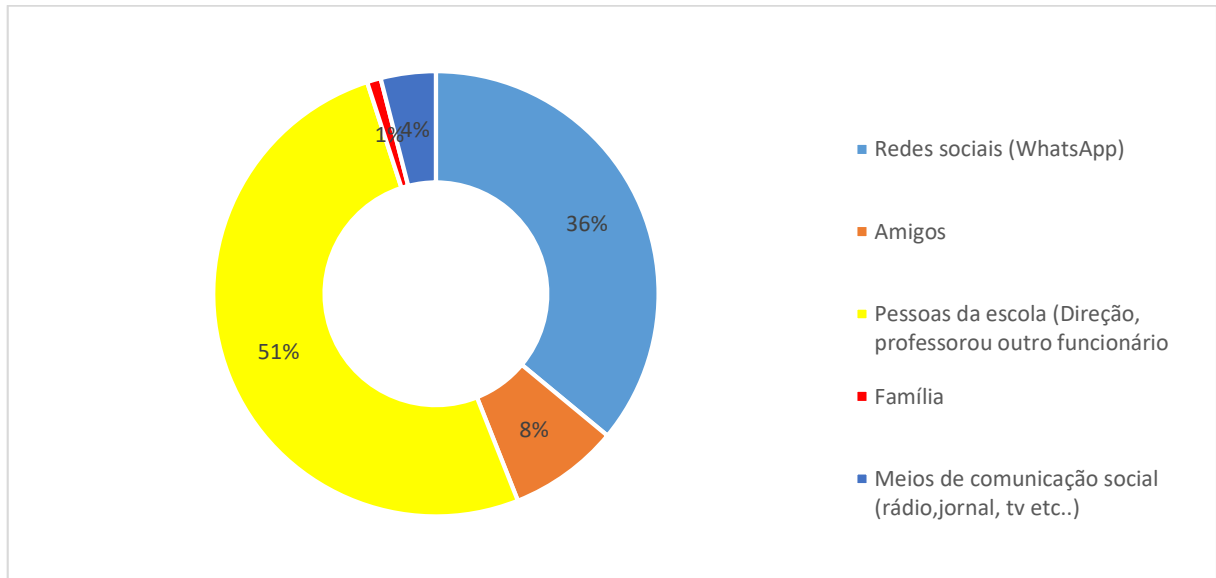
Gráfico 01- Período de suspensão de aulas

Fonte: Arquivo do GEPIEST

Entretanto, em cada localidade, a disseminação de informação durante a pandemia ocorreu de diferentes maneiras, devido à influência das mídias digitais que possibilitou e ampliou a circulação de informações. Para os alunos, o início da pandemia foi complicado e, trouxe mudança: “quando eu fiquei sabendo que ia ter a pandemia fiquei sem entender nada, fiquei achando que era coisa de filme e que nunca ia acontecer.” (Roda de Conversa na Escola - Arlinda Pessoa-Juru), percebe-se assim que as notícias chegaram como algo irreal, levando para vidas dos jovens certas incertezas e medos.

Questionados sobre como ficaram sabendo da implantação do ensino remoto, percebe-se um pouco da dinamicidade e diferentes modos. Entretanto, 51% dos informantes afirmaram que receberam a notícia através de pessoas da própria escola, como podemos observar no gráfico 02.

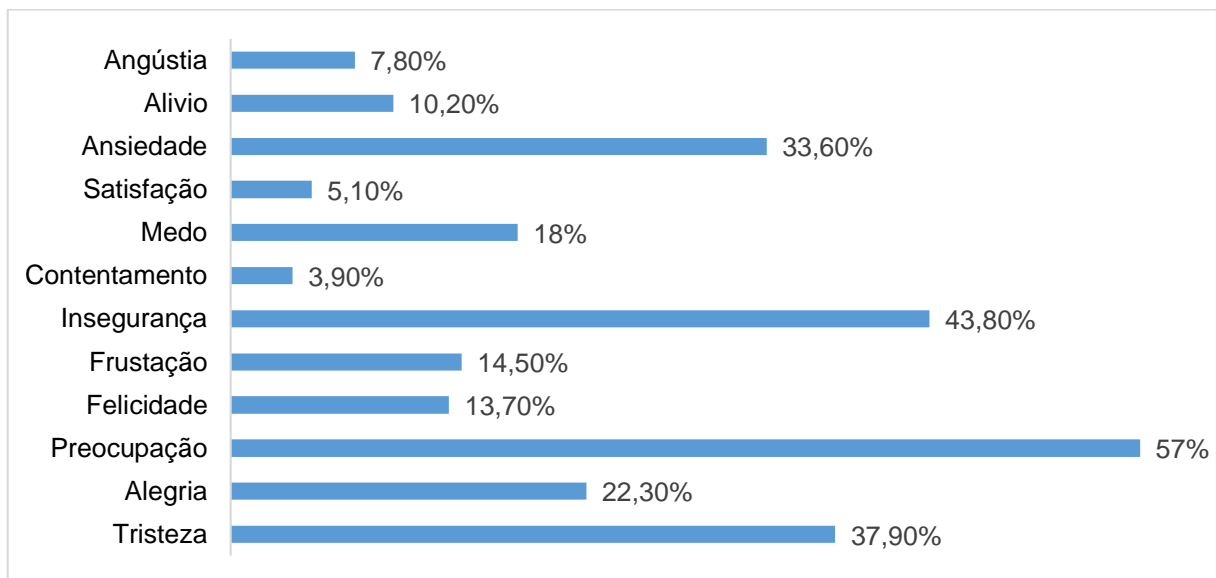
Gráfico 02- Notícia sobre a remodelação de ensino



Fonte: Arquivo do GEPIEST

O intervalo de tempo entre o fechamento das escolas e o retorno ao ensino, no formato remoto, pode ser caracterizado como inquietante e incerto. No entanto, por mais que já se tivesse passado um longo período, os jovens não estavam prontos para uma remodelação de ensino. Assim é que, no gráfico 03, pode-se observar os principais sentimentos que surgiram ao saberem que as escolas iriam adotar o ensino remoto.

Gráfico 03- Sentimentos com a adoção do ensino remoto

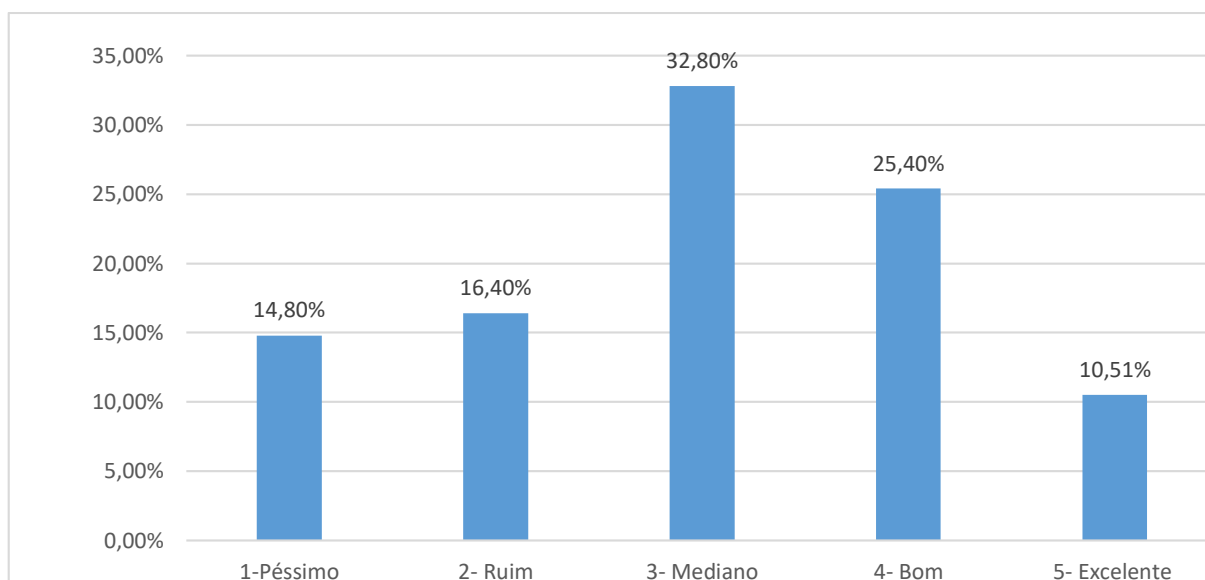


Fonte: Arquivo do GEPIEST

É possível perceber que 57% dos discentes, sentiram-se preocupados com relação ao ensino remoto. Importante observar que vários dos sentimentos elencados no gráfico acima tinham relação com o próprio período de pandemia, pois a sociedade estava fragilizada, sentindo a ausência do contato com o outro e com a remodelação de ensino. Em geral, a ideia que perdurou foi de continuidade de uma pandemia e a impossibilidade de quaisquer interações. Nesse contexto, os jovens continuariam longe de amigos, colegas, conhecidos e, até mesmo, de parentes.

O ensino remoto trouxe dificuldades de adaptação para o alunado, principalmente após a modificação instantânea em seu cotidiano. Assim é que 91% dos informantes relataram que o ensino remoto provocou mudança nas suas rotinas. Ao serem convidados a avaliarem sua adaptação ao ensino remoto em uma escala de um a cinco (onde um é péssimo e cinco é excelente), foi significativo o número dos que avaliaram como péssima e ruim (31,20%). Como podemos observar no gráfico abaixo, apenas 10,51% dos informantes avaliaram seu nível de adaptação ao remoto como “excelente”.

Gráfico 04- Nível de adaptação no ensino remoto



Fonte: Arquivo do GEPIEST

O desconforto e a adaptação dos discentes ao novo modelo de ensino varia medianamente. Ao avaliarem o ensino remoto, 19,9% consideraram como péssimo; 22,30%, ruim; 25,80% mediano; 21,10%, bom; e 10,90%, como excelente. Percebe-se, com o resultado, a dinamicidade de aprovação do ensino remoto. Ainda no

questo de adaptações, os discentes ouvidos destacaram que suas principais dificuldades foram em acompanhar os conteúdos. Como justificativa para essa dificuldade, 67,6% dos informantes relataram o desânimo; 55,90% remeteram a dificuldade ao cansaço e 41,40% ao ambiente inadequado (barulho, iluminação, privacidade etc.); 25,40% ao acesso à internet; 24,60% à falta de equipamentos adequados; e 2% devido à falta de apoio da família.

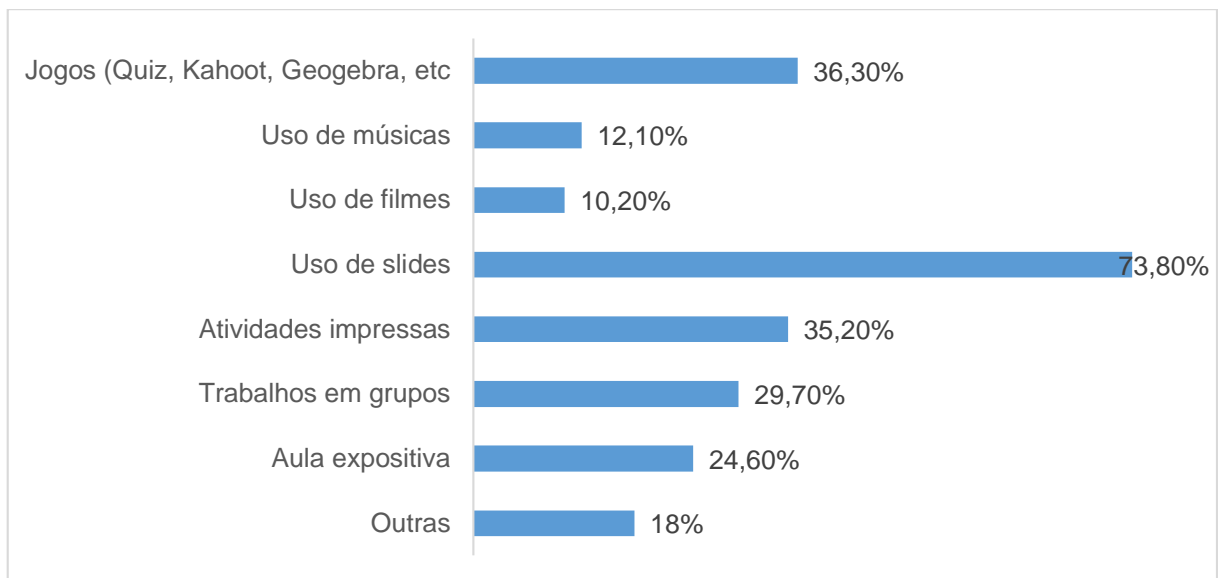
Tais dados possibilita a compreensão das dificuldades encontradas nessa modalidade de ensino, que implica diretamente no desempenho e participação do alunado, pois, as dificuldades destacadas prejudicam o desenvolvimento.

Os discentes que participaram da pesquisa também relatam impactos positivos do ensino remoto. Nesse sentido, 31,3% destacaram a praticidade em assistir às aulas em qualquer lugar; 29,3% salientaram que o ensino remoto facilitou as respostas nas avaliações, pois podiam pesquisar para responder; 20,7% disseram ter ficado com mais tempo para o lazer; 28,1% relataram ter ganhado mais tempo para dormir; 19,21% destacaram que diminuiu o cansaço; e 41% salientaram a não necessidade de se deslocar para a escola.

2.3. Percepções dos discentes a respeito das metodologias utilizadas

De acordo com 89,80% dos informantes, as aulas no ensino remoto eram ao vivo através da plataforma Google Meet; 5,5% dos informantes disseram que as aulas eram gravadas e disponibilizadas pelo Classroom ou Google Drive; e 3% relataram que as atividades se resumiam à entrega de materiais impressos. Nota-se que as medidas utilizadas foram desenvolvidas a partir das necessidades do alunado, sendo que aqueles que não conseguiram ter acesso através de uma plataforma digital foram contemplados de outras maneiras.

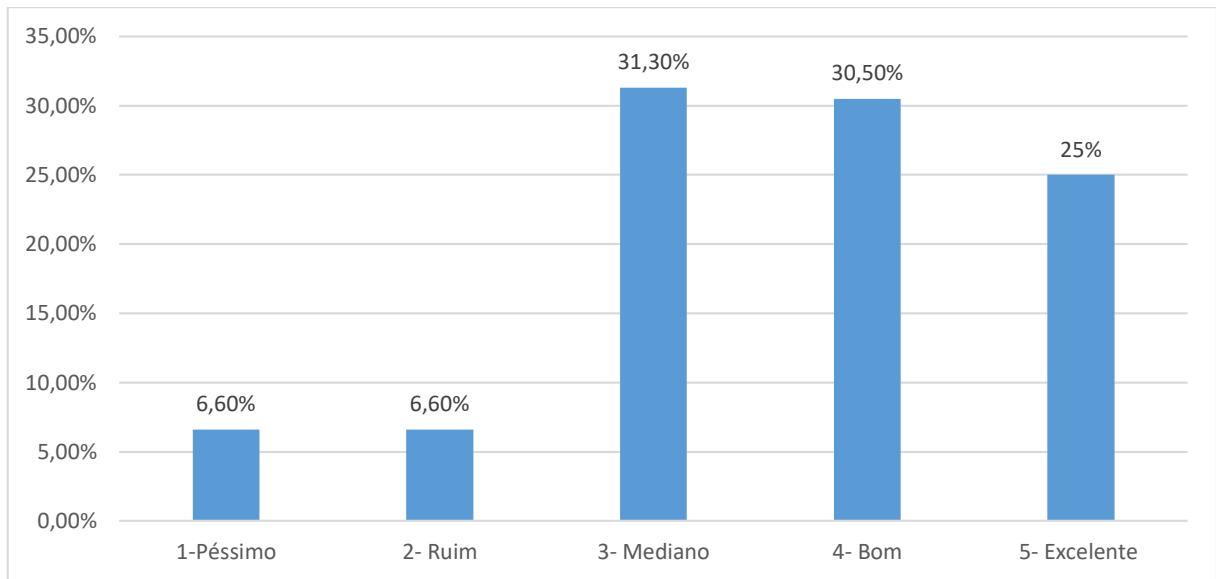
De acordo com os informantes, as metodologias utilizadas pelos docentes durante o ensino remoto foram, principalmente, voltadas para a entrega de conteúdo, como a utilização de slides, principal forma de exposição utilizadas pelos professores, assim como a utilização de atividades impressas. Entretanto, percebe-se a introdução de metodologias ativas como a utilização de jogos durante as aulas, como pode-se observar no gráfico 05:

Gráfico 05- Metodologias utilizadas por professores

Fonte: Arquivo do GEPIEST

Tendo em vistas tais iniciativas, os discentes atribuíram uma boa avaliação aos métodos utilizados pelos professores: 30,90% dos discentes que participaram da pesquisa destacaram as metodologias como excelentes; 28,50% como boa; 27,30% como mediana; sendo desaprovadas apenas por cerca de 13,30% dos participantes.

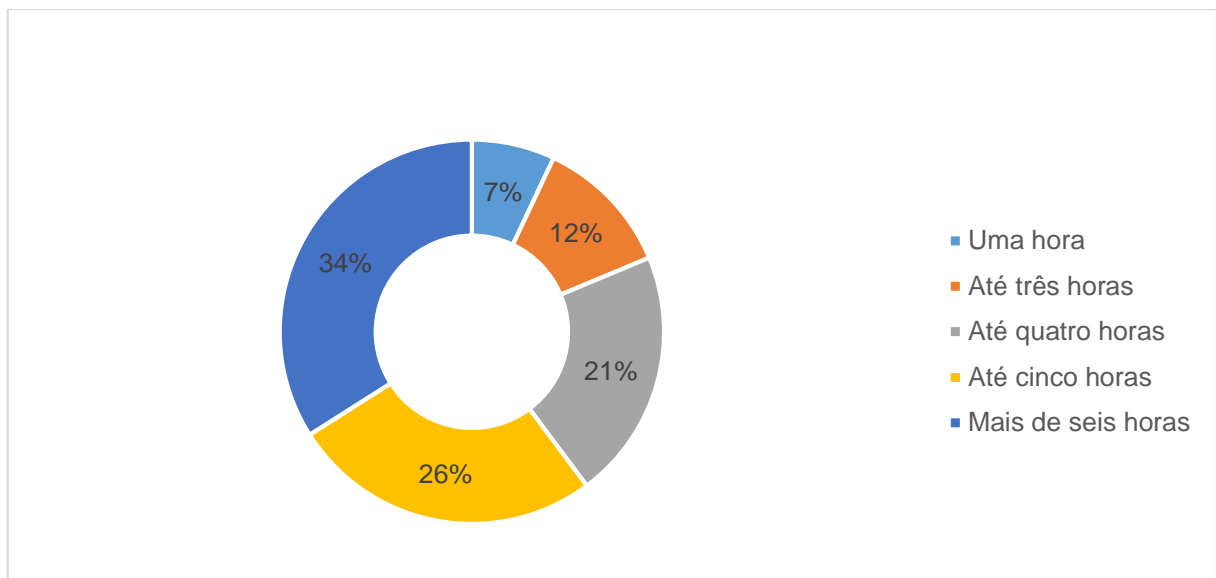
Com relação aos métodos avaliativos utilizados pelo do corpo docente, os informantes relataram as provas, atividades impressas e a participação nas aulas, seguidas de trabalhos escritos, gravação de vídeos, seminários e outros. Percebe-se uma grande distribuição de métodos avaliativos. No gráfico 06, está condensada a avaliação que os discentes fizeram dos métodos avaliativos utilizados por seus professores, durante o ensino remoto.

Gráfico 06- Avaliação dos métodos avaliativos

Fonte: Arquivo do GEPIEST

Os métodos avaliativos utilizados pelos professores durante o ensino remoto foram aprovados como excelentes. Apesar da porcentagem de reprovação mostrar-se baixa, comparada com as de aprovação, salienta-se que 31,10% dos informantes consideraram as avaliações utilizadas pelos docentes de forma mediana, o que sinaliza que ainda poderiam ter sido repensadas e melhoradas. Para 13,20% dos informantes, os métodos avaliativos utilizados no período do ensino remoto podem ter sido empecilho para o desenvolvimento das aprendizagens, podendo estar vinculados à instabilidade ou à impossibilidade de realização das atividades propostas, seja devido à ausência de lugar adequado, instrumentos tecnológicos ou devido a dificuldades em acompanhar os conteúdos em consequência de demandas particulares, a exemplo de alunos que precisavam trabalhar ou cuidar de suas formações, conciliar diversas atividades durante as aulas.

A grande necessidade de tempo em que os alunos precisavam utilizar os celulares para as aulas *online* e dialogar com os professores intensificou o uso de aparelhos tecnológicos, o que gerou um grande avanço de períodos de exposição de telas, como pode ser analisado no gráfico 07.

Gráfico 07- Exposição de Tela

Fonte: Arquivo do GEPIEST

Como observa-se no gráfico acima, os informantes relataram que chegavam a passar mais de seis horas expostos às telas, ou seja, em frente às telas de dispositivos móveis, seja estudando ou utilizando as redes sociais ou mesmo jogando. Essa alta exposição, como visto no capítulo anterior, pode causar problemas como cansaço, dores de cabeça, vista cansada, estresse, etc., reverberando, inclusive, na aprendizagem.

2.4. O eu, o outro, o nós: a ausência do outro

Na análise dos gráficos, observa-se que 50,4% dos participantes da pesquisa salientaram a falta de interação no processo de aprendizagem. Era comum, durante as rodas de conversas, a comparação entre as aulas no formato remoto e a sala de aula presencial, a partir da qual eles chamavam a atenção para a ausência da interação entre os sujeitos (alunos e professores). Assim, 37,5% dos informantes destacaram a falta da interação com os professores, e 48% a ausência da interação com os colegas.

A interação dos discentes com seus pares e, também, com os professores foi fragilizada, corroborando as reflexões de Stevanim (2020), para quem a pandemia

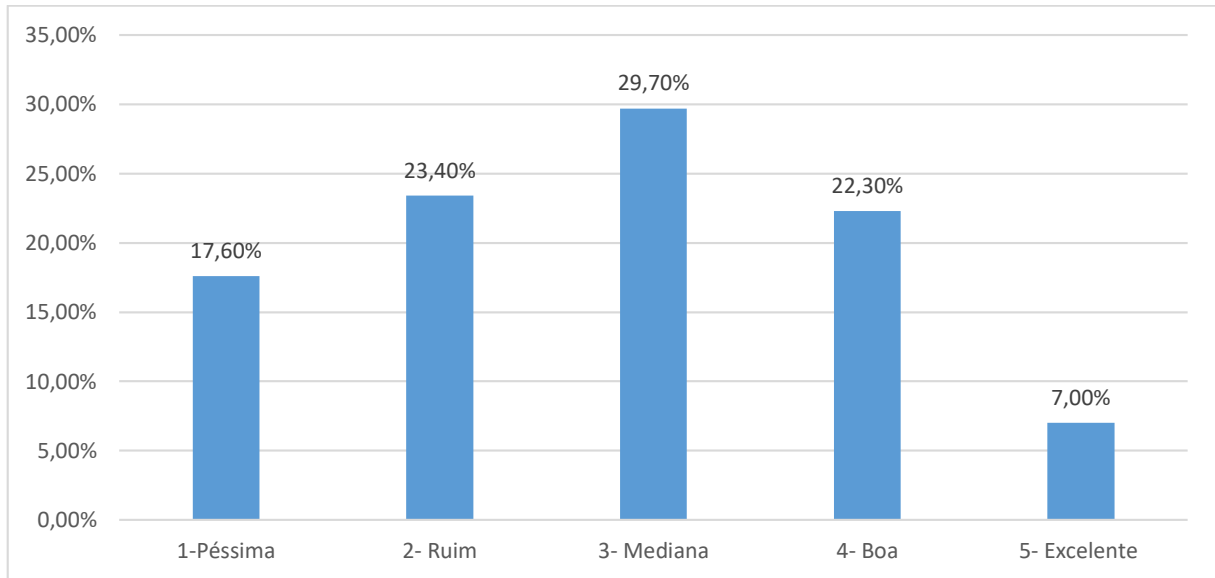
dificultou o ensino não só no quesito de tecnologias, mas, também, neste sentido de interação: a ausência do outro e a ausência do ambiente escolar.

Ao serem indagados como ocorria a interação professor-aluno durante o período remoto, os informantes assim responderam: 91,40% disseram que a interação com os professores era realizada através do WhatsApp; 45,70% fizeram menção aos espaços dos fóruns realizados no Classroom; 40,20% responderam que a interação professor-aluno era efetuada por meio de e-mail. Entretanto, 3,50% dos discentes que participaram da pesquisa destacaram que não houve interação com o professor, o que, para eles, teria dificultado o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

Ao avaliarem as formas de interação utilizadas pelos professores, 22,30% dos discentes que responderam ao questionário consideraram como excelente; 34% como boas; 31,30% como regulares; 5,5% como ruim; e 7% como péssima. Portanto, mesmo tendo havido interação, 31,3% dos informantes destacaram a necessidade de melhorias. Assim, quando se vincula esses 31,3% aos outros 12% dos discentes que desaprovaram as formas de interação professor-aluno vigentes no ensino remoto, o percentual dos insatisfeitos chega a 43%. Importante ressaltar que o diálogo pelo WhatsApp não se compara ao diálogo direto com o professor.

Muitos dos informantes disseram não terem participado ativamente das aulas no período de ensino remoto: 15,60% relataram não terem participado das aulas; 27,70% faltaram, muitas vezes; e 20,30% relataram que dormiam durante as aulas. Portanto, ao refletir sobre o cenário da educação em tempos de pandemia, percebemos uma fragilidade. Os docentes não tinham controle sobre a rotina dos educandos, conseguiam apenas promover a interação entre os sujeitos através das ferramentas como vídeos e imagens, aulas online ou redes sociais. Uma interação marcada pela virtualidade num contexto de precariedade social, no qual muitos dos jovens não tinham acesso à internet, computador, etc. Em uma das rodas de conversas uma aluna destacou que “alguns ligavam, tinha uns que nem ligavam o microfone. E os professores ficavam: “E aí minha gente”. Então, não tinha diálogo nenhum.” (Roda de Conversa na Escola - Arlinda Pessoa-Juru)

No gráfico 08, pode-se observar a autoavaliação dos discentes no quesito de aprendizagem. É possível perceber que mais da metade dos discentes caracterizam suas aprendizagens entre mediana a ruim.

Gráfico 08- Avaliação do Nível de Aprendizagem

Fonte: Arquivo do GEPIEST

O gráfico acima permite perceber que os próprios discentes têm consciência de que o ensino remoto impactou de forma negativa o processo de ensino e de aprendizagem, deixando lacunas nos conteúdos apropriados a cada ano escolar. Tais dificuldades (Ausência de interação e do contato com o professor, baixa participação das aulas, internet e dispositivos de baixa qualidade, falta de lugar adequado para estudar, dentre outras), reforçam o baixo nível de aprendizagens, ser vinculado a ausência de lugares adequando para estudar como percebe-se no relato “Na minha casa é muita zuada, muita bagunça, por isso eu prefiro na escola” (Roda de Conversa na Escola - São José de Princesa), assim como demais outras possibilidades, que podem ter impossibilitado a aprendizagem.

Por fim, cabe ressaltar que no contexto do ensino remoto, marcado por várias dificuldades já elencadas ao longo deste texto, resulta em cerca de 10,20% dos informantes relataram terem abandonado a escola durante o ensino remoto; outros 36,30% pensaram em abandonar os estudos. Tais dados remetem à fragilidade deste momento para a educação, cuja consequência foi o adoecimento mental dos educandos e educadores e, também, várias lacunas na aprendizagem dos educandos, as quais continuam demandando respostas dos educadores, das instituições escolares e dos sistemas de ensino. Respostas essas que diminuam o hiato entre aquilo que deveria ter sido ensinado-aprendido (durante o ensino remoto) e o que de fato pode ser concretizado. Que respostas têm sido elaboradas/executadas e qual sua efetividade real é o que buscar-se-á constatar no próximo capítulo.

3. O RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL – DESAFIOS PARA A GESTÃO ESCOLAR

Conforme especificado, no capítulo anterior, o ensino remoto tornou possível, no contexto da pandemia, a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, essa modalidade de ensino, acarretou uma diminuição dos conteúdos de cada ano letivo e provocou uma defasagem na aprendizagem dos estudantes. Assim, o retorno ao ensino presencial demandou das instituições escolares a adoção de medidas buscando amenizar os impactos gerados pela pandemia.

Com base no exposto, o objetivo, no âmbito deste capítulo, é direcionar o olhar para as reestruturações e ações escolares, no contexto do retorno ao ensino presencial. Através de relatos de Gestores e/ou Coordenadores Pedagógicos das escolas pesquisadas. Busca-se evidenciar e analisar as medidas implementadas. Além disso, considera-se, ainda, relatos de discentes visando investigar suas percepções sobre tais medidas bem como seus sentimentos no contexto do retorno ao ensino presencial.

A construção deste capítulo foi baseada, portanto, em entrevistas com gestores e discentes das escolas pesquisadas. Tratam-se, como já especificado, de escolas públicas, localizadas na microrregião de Princesa Isabel – PB. É importante frisar que visando preservar a identidade dos sujeitos foram utilizados pseudônimos e não foram identificadas suas respectivas escolas, as quais já foram elencadas na Tabela 01 no segundo capítulo (tópico 2.1). Contribuíram com esta fase da pesquisa um total de 06 gestores, conforme a tabela abaixo.

Tabela 2 – Dados Pessoais dos Gestores.

NOME	IDADE	CARGO	TEMPO DE ATUAÇÃO
Carlos	33 anos	Gestor Escolar	5 anos
Luciana	29 anos	Gestora Escolar	4 anos
Luana	48 anos	Gestora Escolar	23 anos
Camila	41 anos	Vice gestora	4 anos
Cida	Não informado	Gestora Escolar	8 anos

Fonte: Pesquisa do autor

Nesta etapa da pesquisa contou-se também com a participação de 13 estudantes, selecionados através de suas respostas no questionário aplicado na PIBIC e sua disponibilidade em participara desta etapa, apresentados na tabela abaixo.

Tabela 3 – Dados dos Discentes Entrevistados.

NOME	Escola
Laís	Escola Deputado Nominando Muniz Diniz
Ana Alice	Escola Adriano Feitosa
Ana Lúcia	Escola Deputado Nominando Muniz Diniz
Paulo	Escola Adriano Feitosa
Carla	Escola Adriano Feitosa
Helena	Escola Arlinda Pessoa
Eliza	Nossa Senhora do Bom Conselho
Gessica	Nossa Senhora do Bom Conselho
Rafaela	Escola Adriano Feitosa
Vitória	Nossa Senhora do Bom Conselho
Vanessa	Nossa Senhora do Bom Conselho
Erick	Escola Adriano Feitosa
Enzo	Escola Deputado Nominando Muniz Diniz

Fonte: Pesquisa do autor

3.1. O que dizem os gestores

Como destacado em discussões, ao longo dos capítulos 1 e 2, os gestores foram impactados e desafiados pelo ensino remoto. Assim é que, para Carlos, essa modalidade de ensino trouxe várias dificuldades para as escolas. Em suas palavras: *“durante o ensino remoto nós identificamos muitas dificuldades em nossos estudantes, no que se referem ao ensino-aprendizagem”*. Segundo ele, quatro dificuldades foram mais evidentes:

A primeira dificuldade relatada por Carlos diz respeito ao impacto do primeiro momento da pandemia e do ensino remoto, pois nem as escolas nem os estudantes, estavam preparados para “vivenciar esse novo real”. Esta fala aponta para as

reflexões que Ribeiro (2021) faz sobre a pandemia enquanto evento crítico, cujo primeiro momento é marcado pela quebra da rotina, gerando perplexidade e desorientação nas pessoas e instituições.

A segunda dificuldade identificada por Carlos está relacionada mais diretamente ao ensino remoto e aponta para o não acesso dos estudantes aos dispositivos e/ou internet. Como ele próprio lembra, muitos dos estudantes são moradores da zona rural (Ver tópico 2.1 do nosso segundo capítulo) e em algumas dessas localidades sem acesso sequer ao sinal de internet. Soma-se a isto as dificuldades em relação aos aparelhos: celulares, computadores a propósito da qual é interessante considerar as colocações de Stevanim (2020), ao qual enfatiza a exclusão digital, assim como a ausência de aparelhos compatíveis nos lares.

A terceira dificuldade elencada por Carlos faz menção aos docentes, os quais, segundo o gestor, nem sempre dialogaram com maior clareza com os alunos. Ou seja, não foram poucos os docentes que tiveram dificuldade de fazer bom uso das tecnologias e do ambiente virtual.

Por fim, a quarta dificuldade que Carlos destaca é relativa à falta de compromisso de estudantes e familiares. Em suas palavras.

A gente encontrou a falta de compromisso de alguns estudantes e de algumas famílias, que sentiram dificuldades em estar indo em busca da escola e de receber a escola que estava indo até o estudante. Porque diante deste contexto de pandemia, de todo esse enfrentamento epidemiológico, que a gente viveu, tinha que existir essas duas pontes, a escola vai até o aluno e o aluno tinha que vir até a escola. Tinha que estar tendo essa ligação e nós sentimos muita dificuldade nesse sentido, nós sempre indo em busca, visitar, está ligando, cobrando desses estudantes para que eles dessem o retorno pra escola, no sentido de resolver e fazer as atividades para que maiores prejuízos fossem evitados em sua vida estudantil.

A gestora Luciana, falando das dificuldades do ensino remoto fez menção ao aspecto excludente do ensino remoto num contexto marcado pela exclusão digital e tecnológica de um número expressivo de adolescentes e jovens. Em suas palavras:

Diversas dificuldades de aprendizagem, principalmente porque o ensino remoto foi extremamente excludente. O aprendizado de um aluno que tinha acesso a Internet não se compara ao de um aluno que tinha acesso apenas a apostilas semanais. Portanto, essa disparidade de acesso a educação durante a pandemia criou um abismo entre as habilidades necessárias e as realmente desenvolvidas.

A fala da gestora acima citada é bem significativa quando se considera o contexto da pesquisa: trata-se de municípios localizados no interior do Estado; distantes dos grandes centros urbanos e marcados pelo predomínio o rural e pela pobreza (ver tópico 2.1 nos qual é apresentado o público alvo da pesquisa). São localidades nas quais a exclusão tecnológica/virtual da qual fala Stevanim (2020), ganha contornos ainda maiores e que, como colocado por Luciana, favoreceu um abismo entre as habilidades necessárias e as realmente desenvolvidas, isto é, entre o currículo oficial e o currículo real. Nesse contexto não há como não falar numa terceira exclusão, pois ao lado da exclusão tecnológica (relacionadas à aparelhos e dispositivos, como celulares, tablets, computadores) e da exclusão virtual (o não acesso à internet), tem-se a exclusão educacional caracterizada pelo não acesso a uma educação semelhante a que estava sendo garantida às crianças, adolescentes e jovens não marcados pelas duas exclusões anteriores.

Ainda em relação às dificuldades, a gestora Cida destacou, em sua fala, que um desafio encontrado foi que os jovens não assistiam às aulas, ligavam os aparelhos e deixavam lá, fato este que favoreceu a não aprendizagem: “os professores ficavam lá, mediando os conteúdos sozinhos, enquanto os jovens ficavam fazendo serviços de casas e outras coisas e nós não podíamos fazer nada”. Tal fala tem relação com as dificuldades dos jovens manterem-se na escola e na sala de aula, quando esta está instaurada no espaço da casa, uma vez que a dinâmica familiar invade o tempo escolar. Tal realidade afeta sobretudo os jovens de família de baixa renda, chamados a todo momento para realizar tarefas familiares que eles próprios se referem como “ajudar o pai” ou “ajudar a mãe”, sendo que, no ambiente familiar, tais chamados acometem mais as meninas que os meninos e nos permitem enxergar que a vivência da pandemia e do ensino remoto é atravessada pelos marcadores sociais, como classe, local de moradia e gênero, etc.

3.1.1 Retorno ao ensino presencial

O retorno ao presencial foi desafiador, tendo em vista tantas implicações que foram identificadas, as quais resultaram numa volta ao presencial conturbada e tensa. A Vice Gestora Camila em seu depoimento, faz os seguintes destaques: “professores com medo, estavam com medo do retorno; as turmas foram só a metade dos alunos, nem todos os pais mandaram os filhos para a escola”. Enfatiza que tinha um

termo de consentimento, que os pais deveriam assinar consentindo com o retorno dos filhos às escolas, mas que tal termo era opcional. Entretanto, ela ressalta, que os alunos que ficavam em casa assistiam aulas remotas. Assim, o retorno foi marcado pelo ensino híbrido, numa coexistência de presencial com o remoto.

Na escola da Gestora Luana o retorno das aulas ocorreu com grandes dificuldades e cuidados, como ela própria enfatiza:

Aos poucos, por nível, de início retornou só as turmas de 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental e às outras etapas de ensino ocorreu de forma gradativa, considerando a tendência de estabilidade da pandemia da COVID 19. Foi ocorrendo conforme recomendações técnicas da secretaria de saúde e de órgãos competentes federais ou estaduais.

Também para Luciana, na sua escola o *“retorno foi de forma gradativa, primeiro com 30% das aulas presenciais até os 100%. Os alunos e pais se mostravam ansiosos com o retorno”*. Assim, percebemos a diferença de percepções que os gestores têm sobre a volta ao presencial, e percebemos a dinamicidade de cenários identificados nas escolas pesquisadas. E que, em cada localidade, tal momento foi recebido de maneira diferente.

Para Carlos, a principal dificuldade enfrentada pela escola, no momento do retorno às aulas presenciais, foi *“resgatar os estudantes pra escola, de novo, porque durante esses dois anos de pandemia o aluno perdeu o contato presencial, contato físico com a escola, então isso dificultou e trouxe acomodação pra alguns estudantes e pra algumas famílias”*. Percebe-se que a quebra da rotina enfrentada pelos discentes e famílias e a instauração de uma nova rotina (ensino remoto) fez com que os alunos sentissem dificuldade em retornar para a escola, dificuldade essa que pode ter relação, num primeiro momento pode estar vinculado ao medo citado pela por Camila e salientado também pelo próprio Carlos:

Na mente da família, como a escola ela é uma sociedade de pessoas, a volta deste estudante pra escola para muitas famílias causou medo, insegurança. Porque ali está uma sociedade então, pra muitos, aquele contato que o estudante estava tendo ali, geraria uma consequência em que o estudante iria levar para casa aquele vírus que ninguém entendia, que ninguém sabia ainda lidar com aquilo tudo. Então assim a gente teve muita dificuldade no sentido de recuperar, de reconstruir, de recomeçar o ambiente escolar de novo, da maneira que ele sempre foi: de forma presencial e de forma homogênea. (Carlos)

Mesmo enfrentando dificuldades, as escolas se refizeram, buscaram recomeçar, nunca perdendo a esperança. Como diz Paulo Freire (1987, s.p)

“Enquanto eu luto, sou movido pela esperança; e se eu lutar com esperança posso esperar”, assim os gestores seguiram na esperança do melhor; seguindo lutando e esperando a recuperação da dinamicidade do ensino presencial.

Para a Gestora Cida, *“a maior dificuldade foi entrar na sala de aula e ver os alunos sem saber os conteúdos, os alunos chegaram na escola com um nível muito baixo”*, para ela, essas dificuldades podem ser lidas como consequências da grande quantidade de alunos que não participavam das aulas. Na escola de Luciana a maior dificuldade foi *“[...] justamente o atraso no aprendizado”*. Já Camila destaca que *“foram os pais sem querer mandar os filhos devido ao medo de mandar os filhos para a escola, logo, eles ainda não estavam vacinados, só quem estavam vacinados eram os professores”*. Esta mesma gestora também salienta dificuldades em manter as normas de segurança, visto que muitos alunos não as seguiam.

Para Luana não foi diferente, ao falar das principais dificuldades enfrentadas pela escola no retorno ao presencial, ela destaca: *“a questão de manter o distanciamento de 1,5 m² entre cada aluno devido ao número de alunos na sala de aula e no transporte escolar; conscientização do aluno sobre a realização de higienização das mãos, do uso da máscara, bem como sobre a importância de não compartilhar objetos pessoais”*; assim como a *“falta de conhecimento dos conteúdos trabalhados nas aulas remotas, além da quantidade de alunos desestimulados”*. Pelo exposto fica claro que as principais dificuldades percebidas pelos gestores têm relação com: (a) medo do retorno por parte dos alunos e familiares; (b) normas de higiene e distanciamento social; (c) dificuldades de aprendizagem; (d) alunos desmotivados e desestimulados, etc.

3.1.1. Medidas tomadas pela escola no retorno ao presencial

A partir de suas percepções sobre as dificuldades, os gestores buscaram maneiras para amenizar os impactos do ensino remoto e melhorar a aprendizagem dos discentes. Carlos salienta que *“a pandemia ela deixou em nossos estudantes e nossas escolas graves feridas que leva muito tempo para que a escola e sua equipe possam amenizar essa marca que a pandemia deixou em nossa escola”*.

Ainda segundo Carlos *“com o ensino híbrido e posteriormente totalmente presencial a escola teve que reestruturar seu currículo porque os estudantes tiveram uma defasagem muito grande na construção de suas habilidades”*. Para estruturar o

currículo, segundo Carlos, foi utilizado uma avaliação diagnóstica, visando identificar as principais dificuldades de cada turma e de cada estudante para que a *“escola pudesse, assim, está nivelando o conhecimento de cada estudante com a turma e sempre buscando mecanismos de atividades em que possa estar sempre revendo dentro da possibilidade as habilidades não construídas de cada estudante”*.

Para Ribeiro (2014, s.p) a avaliação diagnóstica faz parte de um conjunto de avaliações, importantíssima para o processo de ensino-aprendizagem, pois permite a compreensão e identificação, de dificuldades, assim possibilitando tomadas de ações para amenizá-las. Outros gestores também utilizaram tal método como destacado por Camila e Cida, que buscaram promover, em suas escolas, avaliações diagnósticas para identificar as dificuldades de seus alunos.

Carlos acrescenta ainda que a escola tem trabalhado com atividades de nivelamento sempre buscando ajudar no processo de aprendizagem dos estudantes, inclusive pela aplicação de atividades complementares, ponto este, importantíssimo pois assim a escola pode estar trabalhando as dificuldades específicas de cada discente em suas respectivas turmas.

Na escola de Luana, após a realização da avaliação diagnóstica para saber o nível de aprendizagem e dificuldades dos alunos na escola, foram ofertadas atividades de reforços. Em suas palavras: *“a gente começou a fazer atividades extras e ter reforço com eles. A escola fez de tudo para que os alunos realmente, apesar das dificuldades, que eles aprendessem”*. Tal ação se fez importante, pois atividades de reforços escolares podem contribuir para um melhor desenvolvimento do alunado, indo diretamente ao encontro de suas dificuldades.

A escola da professora Cida, iniciou a proposta de monitorias, na qual os próprios alunos ajudaram seus colegas. *“Nós tínhamos 10 alunos que sabiam, o restante não sabia, então tomamos as iniciativas de monitoria, na qual os alunos que sabiam auxiliavam os que não sabiam”*. A monitoria é uma atividade importantíssima para ser desenvolvida com o alunado, pois incentiva a autonomia, abrindo portas para a docência e, vinculada a estratégia no pós-pandemia, pode contribuir para nivelar e amenizar as dificuldades de aprendizagens.

Na escola da gestora Luciana as principais medidas foram os projetos de intervenção escolar que *“junto com a parte diversificada da Escola Cidadã INTEGRAL que conta com disciplinas de nivelamento, como é o caso de Propulsão. Essa junção foi com o intuito de nivelar as diferenças de aprendizado”*. Tais projetos de

intervenção, que visaram nas dificuldades identificadas nos discentes, podem ter sido um ótimo instrumento para trabalhar este “nivelamento” citado pela gestora, pois, de acordo com Nogueira (2008), ela reflete sobre a importância dos projetos pedagógicos/intervenção nas escolas, ao qual se é atribuído a gestão e aos professores, formularem as ações contidas nos projetos de acordo com as necessidades do alunado, organizando neles suas intenções e objetivos que pretendem alcançar, pois só com pretensões os projetos obtêm sucessos, e, ao serem alinhados aos serviços da escola, terá uma grande importância.

A tabela 4, traz dados relativos às avaliações que os gestores participantes da pesquisa fizeram das ações adotadas em suas respectivas escolas visando fazer frente as dificuldades no contexto do retorno ao ensino presencial.

Tabela 4- Avaliações das medidas adotadas pela gestão

NOME	Avaliação
Carlos	Todas as medidas que foram criadas, inventadas, foram inovadoras então isso é um ponto positivo, que essas medidas do ensino trouxeram e vão continuar em nossa educação, que é a questão do reinventar, que professor teve que se reinventar e a escola também teve que buscar formas métodos práticos e eficientes para que pudessem estar dialogando com seus estudantes.
Luciana	As medidas surtiram efeito, mas ainda não são suficientes. É necessário ainda que haja uma política de incentivo e investimentos, principalmente na formação continuada de professores e profissionais de educação
Luana	A avaliação é positiva, pois aos poucos estamos conseguindo êxito na aprendizagem do aluno.
Camila	Foi uma medida que a escola pôde fazer né, fez a avaliação diagnóstica e após começou a trabalhar. A avaliação que fazemos enquanto gestão, é que foi um método bom e que os alunos que tinham dificuldade começaram com o tempo a ler. Vimos resultados
Cida	Foi boa, através delas analisamos o Projeto Político Pedagógico – PPP e adequamos para o novo real.

Fonte: Pesquisa do autor

Através destes relatos, pode-se compreender melhor as avaliações dos gestores sobre os avanços de tais medidas.

3.2. O que dizem os discentes

Neste tópico busca-se direcionar o olhar para as percepções dos discentes sobre a volta ao ensino presencial, seus sentimentos e suas concepções a respeito das medidas tomadas pela gestão no contexto de retorno às aulas presenciais. Ao serem questionados sobre a passagem do ensino remoto para o presencial, os alunos que participaram da pesquisa fizeram os seguintes destaques:

Laís: “O retorno começou de forma gradual, até que todos os estudantes frequentassem diariamente as salas de aula, como era de costume.”,

Ana Alice: “Foi difícil, a readaptação foi complicada e lenta”,

Ana Lúcia: Uma vivência única onde pude voltar a sentir e viver todas as sensações e emoções que foram barradas no ensino remoto.

Paulo: Foi muito satisfatório, de início.

Carla: Bem complicado, porque precisamos estar por dentro de determinado assunto, que, durante o ensino remoto, os alunos não tiveram acesso.

Como se nota, para cada aluno, a volta ao presencial, gerou diferentes percepções: enquanto para uns foi satisfatória, para outros foi difícil. Portanto, com o retorno ao ensino presencial, os discentes participantes da pesquisa destacam algumas das dificuldades por eles e elas vivenciadas nesse momento, como bem expresso no depoimento abaixo transcrito:

Acredito que a gestão tem que perceber que todos nós voltamos com marcas da pandemia, alunos que eram nota 10, agora tem dificuldades para aprenderem conteúdos "simples". Aulas diferenciadas e apoio dos profissionais que ficam 5 dias da semana conosco seria melhor! (Helena, estudante da Escola Arlinda Pessoa – Juru)

A fala da estudante, acima transcrita, permite perceber que os próprios discentes têm consciência do impacto negativo do ensino remoto no processo de ensino e de aprendizagem. Revela também que os estudantes não só identificam as dificuldades presentes no retorno ao ensino presencial como têm sugestões a fazer no que diz respeito às ações que podem ser implantadas pela escola visando o

enfrentamento dessas dificuldades. No caso em questão, o estudante relata que uma das formas seriam a adoção de aulas diferenciadas e de um maior acompanhamento por parte dos professores.

Assim como os gestores, alguns discentes também destacam como dificuldade a não observância dos protocolos de proteção, como podemos observar no relato de Eliza (Estudante da Escola Nossa Senhora do Bom Conselho – Princesa Isabel) *“acho que ter mais cuidado na escola no presencial, o uso de máscaras, terem consciência a respeito da Covid que não acabou ainda”*. Nesta fala fica claro que, principalmente, o início do retorno ao ensino presencial, foi marcado pelo medo de contágio que ainda se fazia presente, sobretudo pelo fato de que muita gente ainda não tinha sido vacinada. Importante ressaltar que, muitas vezes, esse medo causava angústias e ansiedades diversas.

Os discentes que participaram da pesquisa, ao falarem do ensino remoto, relataram também um sentimento de tempo perdido, gerando dificuldade de aprendizagens e necessidades de reforços. Segundo Gessica (Estudante da Escola Nossa Senhora do Bom Conselho – Princesa Isabel) é necessário *“rever os assuntos passados nas aulas remotas pois a grande maioria não participava, ou seja, não aprendeu nada e acaba se complicando um pouco em provas/atividades”*, ou seja, a dificuldade de participação, a falta de interação face-a-face, no contexto de ensino remoto, levou a não aprendizagem. No contexto do retorno as aulas, esses discentes esperavam que a escola revisasse os conteúdos transmitidos durante o ensino remoto, já que muitos desses conteúdos eram pré-requisitos para a aprendizagem dos conteúdos novos, isto é, daqueles conteúdos trabalhados já no contexto do ensino presencial.

A ausência do ambiente escolar, no contexto do ensino remoto, trouxe para os discentes dificuldades com relação as suas rotinas. Assim é que muitos reclamam e dizem não estarem acostumados com a rotina do ensino presencial, solicitando que a escola tenha mais paciência, como bem expressa nessa fala:

Bom, mais calma com aprendizagem dos alunos; eles já cobram muito de nós e não é fácil; temos medo e preocupação de reprovar e não conseguir aprender; é cansativo o dia todo, não estava mais acostumada e não é fácil, estou muito desanimada. (Rafaela, estudante da Escola Adriano Feitosa - Tavares)

Cabe ressaltar que muitos discentes relataram sobre a ausência do acompanhamento psicológico. Percebemos este destaque em diversas falas. Assim,

Ana Lúcia (Estudante da Escola Deputado Nominando Muniz Diniz – São José de Princesa) destaca que *“a gente não teve apoio de psicólogo e muita gente precisou. No pós-pandemia muitas pessoas revelaram algum sintoma de carência de ajuda psicológica. Alguns procuravam ajuda dos professores”*. Nota-se que o único suporte dos discentes foram os professores, fato este que aponta para uma intensificação no trabalho docente.

A aluna Ana Alice (Estudante da Escola Adriano Feitosa- Tavares) também destaca que:

Na minha escola não houve apoio psicológico. O psicólogo do município não fez visitas na escola para falar sobre isso. Quando havia problemas como crise de ansiedade, que foi o maior problema (que inclusive tem até hoje) algum professor vinha e conversava com a gente. Mas não houve o acompanhamento de um psicólogo no ambiente escolar.

Com o retorno ao ensino presencial, diversos jovens chegaram na escola após um momento muito difícil, assim a ausência de um apoio psicológico foi sentida mais fortemente. Também a questão da interação merece destaque. Conforme já apontado no capítulo 1 (Ver tópico 1.2.1.) e no capítulo 2 (Ver tópico 2.4.), o ensino remoto foi caracterizado pela falta de interação dos discentes entre si e com os professores, visto que no contexto de aulas remotas, a interação ficou prejudicada. Como expressa Vitória (Estudante da Escola Nossa Senhora do Bom Conselho – Princesa Isabel) era interessante que ao retornar as aulas presenciais as escolas dessem mais atenção a esta dimensão interativa, promovendo: *“mais trabalhos em grupos para ter mais interações dos alunos”*.

3.2.1. Olhares sobre as medidas tomadas pela Gestão na volta ao presencial.

Ao serem convidados a avaliarem as ações implementadas pelas escolas no contexto do retorno ao ensino presencial, os discentes participantes da pesquisa enfatizaram que as escolas fizeram o possível. Para Ana Lúcia (Estudante da Escola Deputado Nominando Muniz Diniz – São José de Princesa) *“o pessoal da nossa escola sempre lutou muito pra fazer do limão a limonada, de um lugar com pouca estrutura o melhor lugar pra gente, nesse retorno visaram o distanciamento”*, O termo fazer do limão uma limonada, chama a atenção, demonstrando a luta que a gestão

enfrentou e que era percebida e reconhecida pelos discentes, visando buscar melhorias.

O aluno Paulo (Estudante da Escola Adriano Feitosa – Tavares/PB) também enfatiza que a escola sempre prezava para manter as medidas de distanciamento social. Assim, a escola garantiu a proteção dos discentes, evitando *“trocar material e lanches, o retorno para conteúdos importantes, dentre outras coisas”*. Segundo Ana Alice (Entrevista-Escola Adriano Feitosa- Tavares) a escola *“fez o máximo para cumprir todas as regras”*.

Mesmo com o retorno ao presencial, as medidas de distanciamento se fizeram presentes nas intuições pesquisadas. A partir dos relatos de discentes, percebe-se a dificuldade em manter tais medidas, no entanto, a gestão buscou incentivar o uso e combater as quebras dos protocolos. Em diversas falas dos discentes destaca-se o pedido do uso de máscaras. Assim, a escola buscou trabalhar com a conscientização do alunado.

Para Vanessa (Estudante da Escola Nossa Senhora do Bom Conselho – Princesa Isabel) a escola já disponibiliza bons métodos, *“pois a gente está um pouco com estudo mais avançado tendo novas técnicas de aprendizagem ex: cursos, etc.”*. Em sua concepção a escola já possui uma boa estrutura para garantir um bom aprendizado, e os conhecimentos necessários para o “pós-médio”.

Outro um ponto que chama a atenção, são os destaques de diversos alunos, durante as entrevistas, coletivas/individuais e questionários destacando a sugestão de ouvidoria nas escolas, um momento de escuta dos mesmos, como se pode ver na fala de Erick (Estudante da Escola Adriano Feitosa - Tavares) *“Rodas de conversa e apoio, e acompanhamento tipo fazer um projeto ou programa para se conversar sobre isso”* e no relato de Enzo (Estudante da Escola Deputado Nominando Muniz Diniz - São José de Princesa) *“Tendo mais diálogo e paciência com os alunos.”*

Percebe-se a ausência de diálogo por parte dos gestores escolares, neste momento de retorno ao ensino presencial. Nenhum dos gestores que participou da pesquisa fez referência a escuta dos estudantes. Pode-se identificar nesse silêncio um distanciamento em relação a uma gestão participativa, que busca valorizar e incentivar a participação dos alunos, para promover melhorias.

Por fim, a maioria dos demais discentes entrevistados avaliam as medidas tomadas pela gestão como excelentes, pois, de certa maneira, contribuíram para o

desenvolvimento e para ultrapassar as barreiras geradas pela pandemia. Mas, para alguns, as medidas tomadas pela gestão não foram satisfatórias, exemplo do Paulo (Estudante da Escola Adriano Feitosa - Tavares), que avalia como péssimas, destacando que as medidas eram “bem ruins, as salas possuíam mofo, prejudicial para as questões respiratórias; além de enfatizar uma cobrança muito grande, em questões de aprendizagens: “eu acabei reprovando por uma carga muito grande, alguns alunos quase entraram em depressão”.

Para a aluna Carla (Estudante da Escola Adriano Feitosa - Tavares), sua principal dificuldade no retorno ao ensino presencial foi “a falta de conhecimento sobre determinado assunto.” Para ela, a escola não promoveu meios suficientes para ajudá-la: “Não percebi nenhuma medida que possa ter ajudado.”, destacando que as medidas implementadas pela instituição de ensino não foram suficientes.

Embora as medidas implementadas pelos gestores tenham sido bem avaliadas por grande parte dos estudantes sugere-se que várias outras medidas poderiam ter sido adotadas se os gestores tivessem aberto um espaço de diálogo com os discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre esse momento histórico da sociedade é muito importante para que assim a história não seja apagada. É nítido que cada localidade e que os diferentes sujeitos, viveram esses momentos de maneiras diferentes, então, neste trabalho, foram reunidos dados e diálogos importantes para a sociedade e o setor educacional, seja no âmbito dos municípios pesquisados, seja no âmbito do Estado e mesmo do Brasil. Assim a história permanecerá viva e, posteriormente poderá ser contada, vista e contemplada com novos olhares.

Este trabalho teve como objetivo identificar as implicações deste momento pandêmico, para o setor educacional, assim como analisar as medidas tomadas pela gestão na volta ao ensino presencial, a partir das percepções dos próprios gestores e dos discentes, contribuindo significativamente para a compreensão do trabalho da gestão escolar.

Através dele foi possível perceber o contexto da pandemia e seus impactos especificamente na educação, observando-se que a pandemia relacionada a COVID-19, trouxe implicações para o trabalho escolar afetando famílias, gestores, professores e estudantes. Dentre essas implicações vale destacar a instauração do ensino remoto num contexto marcado ainda pela exclusão tecnológica/virtual e, em muitos casos, pela precariedade do ambiente familiar que nem sempre possibilitou a existência de um lugar específico e adequado para participação nas aulas remotas.

Em termos de aprendizagens, foi possível identificar uma grande defasagem e a presença de muitas dificuldades identificadas tanto pela gestão escolar, quanto pelos discentes, que foram os mais prejudicados com o ensino remoto e o distanciamento social, no que se diz respeito ao processo de aprendizagem. Os informantes trazem relatos que falam sobre o que perderam e o que aprenderam, bem como de seus medos e inseguranças.

Foi possível perceber o potencial inovador da educação, a força dos sujeitos envolvidos no âmbito educacional, que a todo momento buscaram modificar e encontrar melhorias, para enfrentarem as dificuldades; permitindo que a educação pudesse prevalecer e que o educador pudesse seguir esperando, acreditando, sonhando e tecendo o amanhã.

O trabalho focou mais especificamente no contexto do retorno ao ensino presencial. A gestão escolar, nesse contexto, desempenhou um papel muito

importante ao buscar se reencontrar e trazer o aluno de volta. Nota-se uma gestão escolar atenta e sensível às feridas acarretadas pela pandemia e pelo ensino remoto. A gestão buscou investigar as lacunas deixadas, visando promover o ensino e a organização da instituição a partir das necessidades do alunado, implementando um conjunto de medidas na intenção de sanar ou ao menos reduzir as dificuldades presentes quando do retorno as aulas presenciais.

Aqui buscamos dar voz não somente aos gestores, mas também aos discentes, abrir espaços para suas falas, para destacarem suas vivências e percepções, sendo importante para registro desse momento que foi vivenciado. Todos puderam ser protagonistas de suas histórias, e, relatá-las, agora, não poderíamos deixar de forma alguma os discentes fora deste relato, pois os mesmos foram os mais atingidos.

Conclui-se que este trabalho está focado na vivência, pelos gestores e discentes, de um momento atípico. Portanto, abre-se uma reflexão de que necessitamos de projetos organizados para esses momentos de isolamento social, contendo um planejamento para medidas que possam ser tomadas, o qual norteará as instituições de ensinos.

Cabe ressaltar, que os governos também devem se preparar e se planejar para tais momentos, estabelecendo medidas norteadoras, para assim amenizar os impactos, frente aos contextos como o enfrentado no período da pandemia, garantindo educação de qualidade para todos. Exemplo de ações que devem ser tomadas a curto e médio prazo é o combate à exclusão tecnológica/virtual que afeta um número expressivo de adolescentes e jovens, sobretudo os que residem em áreas rurais de nosso país. Outro exemplo são as políticas de formação de professores que devem abarcar a formação tecnológica de modo a preparar docentes para uma melhor utilização das novas tecnologias, pois como os relatos presentes neste trabalho apontam, parte das dificuldades de aprendizagem no contexto do ensino remoto, poderia ter sido sanada se os docentes estivessem mais preparados para uma melhor utilização dos aparatos tecnológicos e dos ambientes virtuais de aprendizagem.

Pelo exposto fica claro que este estudo traz importantes contribuições para pensarmos a escola e o processo de ensino e aprendizagem em contextos adversos, podendo contribuir para a adoção de políticas públicas, programas e projetos

orientados para tornar a escola e seus agentes mais sintonizados com os desafios do tempo presente.

Por fim, destaco que é através das interações que nós fazemos enquanto pessoas e profissionais, e através desta pesquisa me moldei, conheci novos horizontes e assim me refiz. Desbravar o desconhecido e o novo mudou minhas visões de mundo e me mostrou o quão amplo e vasto ele é. Assim, com cada diálogo, cada relato, me fiz, me encontrei e melhorei, essa pesquisa extraiu o melhor de mim, me fazendo ser melhor e perceber a importância do educador, mostrando que a educação sempre vai prevalecer mesmo em qualquer dificuldade, e assim o grande papel dos gestores neste processo. E que assim como nessa pesquisa me refiz, me tornei melhor, que trabalho possa inspirar outras pessoas para que se refaçam e conheçam este momento com minha roupagem e a roupagem de diversos participantes, que nos permitiram conhecer partes das suas vivências e histórias.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Elizabete Rodrigues da Silva de. **Adoecimento no Trabalho Docente em Tempos de Pandemia**: impactos na saúde dos professores dos anos iniciais de uma escola da rede pública do DF/ Elizabete Rodrigues da Silva de Andrade; orientador Maria da Conceição da Silva Freitas. – Brasília: Editora, 2020.

BRITO, S. B. P.; BRAGA, I. O.; CUNHA, C. C.; PALÁCIO, M. A. V.; TAKENAMI, I. **Pandemia da COVID-19**: o maior desafio do século XXI. *Vigil Sanit Debate*, Rio de Janeiro, "Rio de Janeiro, Brasil", v. 8, n. 2, p. 54–63, 2020. DOI: 10.22239/2317-269X.01531. Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1531>. Acesso em: 12 mar. 2023.

COSCARELLI, C. V., & Ribeiro, A. E. (2014) Pereira, João Thomaz Capítulo I **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas: Ceale, Autêntica Editora.

ESTADO DA PARAÍBA. Decreto Estadual nº 40.122, de 13 de março de 2020. Declara situação de Emergência no Estado da Paraíba ante ao contexto de decretação de Emergência em Saúde Pública de Interesse Nacional pelo Ministério da Saúde e a declaração da condição de pandemia de infecção humana pelo Coronavírus definida pela Organização Mundial de Saúde. ***Diário Oficial***. João Pessoa – PB, 14 de março de 2020. Disponível em Diário Oficial 14-03-2020 1ª Parte.indd (auniao.pb.gov.br)

ESTADO DA PARAIBA. **DECRETO Nº 40.141 DE 26 DE MARÇO DE 2020**. Dispõe sobre a adoção de novas medidas temporárias e emergenciais de prevenção de contágio pelo Novo Coronavírus (COVID-19). João Pessoa - PB 27 de março de 2020.

ESTADO DA PARAIBA. **DECRETO Nº 40.168 de 03 de abril de 2020**. Dispõe sobre a adoção, no âmbito da Administração Pública direta e indireta, de regime de trabalho remoto, em razão das medidas temporárias e emergenciais de prevenção de contágio pelo COVID-19 (Novo Coronavírus). João Pessoa - PB, 04 de abril de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 17 de jun. de 2023.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. São Paulo: Em Perspectivas, 2000.

GEPIEST - Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar em Educação, Saúde e Trabalho. Dados da pesquisa " **As Implicações do Ensino Remoto no Cotidiano, na Saúde e na Aprendizagem de Adolescentes e Jovens de Escolas Públicas da Microrregião de Princesa Isabel-PB** " Guarabira, 2022. (Arquivo restrito aos membros do grupo).

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. **Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial**: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. Research, Society and Development, São Paulo, v. 9, n. 7, p. 1-29, 2020.

LÉVY, Pierri. **Cibercultural**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINS, Thalyta Cassia de Freitas, GUIMARÃES, Raphael Mendonça. **SAÚDE DEBATE** | Rio de Janeiro, V. 46, N. Especial 1, P. 265-280, Mar 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E118>.

MATTAR, João. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas/João Mattar, Daniela Karine Ramos. 1 ed. –São Paulo: Edições 70, 2021.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

MORAN, José. **A culpa não é do online**. Blog. Educação transformadora. 2020. Disponível em: <<https://moran10.blogspot.com/2020/06/a-culpa-nao-e-do-online.html>>. Acesso em: 23. Ago. 2021.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

NETO, Otavio Cruz. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In: Deslandes, Suely Ferreira. Cecília de Souza Minayo (organizadora). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2002.

NICOLAU, S. M. **Professora na pandemia**. Participação: Felipe Bemol. 2020. (3min 28s). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ZzAYLN_atbE >. Acesso em 16. mar. 2023.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro, Cenário e Possibilidades. In: NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos Projetos**: etapas, papéis e atores. 4.ed. São Paulo: Érica, 2008

Oliveira, Elida; Ortiz, Brenda. **Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil. G1**, 2020, Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 19, jan. 2023.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa** / Maria Marly de Oliveira. 7. Ed. Revista e atualizada – Petrópolis, Rj: Vozes, 2016.

Pontes, F. R., & Rostas, M. H. S. G. (2020). Precarização do trabalho do docente e adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte investigativo. **Revista Thema, 18** (ESPECIAL), 278–300.
<https://doi.org/10.15536/thema.V18.Especial.2020.278-300.1923>

QUEIROZ, Virgínia Coeli Bueno de. **A experiência da aprendizagem remota: quanto tempo demais na tela?** Colégio Loyola, 2020.

RIBEIRO, Ledacy Paiva. **Avaliação Diagnóstica: uma breve reflexão**. Paraná: SEE, v. 1, 2014.

RIBEIRO, Gustavo Lins. “Descotidianizar” el mundo. La pandemia como evento crítico, sus revelaciones y (re)interpretaciones. Desacatos. **Revista De Ciencias Sociales**, (65), 106–123. Abril. 2021

RODRIGUES, Ian Xavier. **A inclusão digital como corolário do Direito à Educação: análise dos impactos da pandemia de COVID-19 no Brasil**. 2021. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

Santos, Maria das Vitórias Gonçalves dos. **Professores e o Ensinar Através das Tecnologias da Comunicação: um caminho para novas práticas**. / Maria das Vitórias Gonçalves dos Santos. Araruna, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/jspui/handle/177683/2455>. Acesso em: 25, nov. 2022.

SILVA, Marco. Cibercultura e educação: a comunicação na sala de aula presencial e online. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre. Nº 37. Dez. 2008.

STEVANIM, Luiz Felipe. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **RADIS: Comunicação e Saúde**, n. 215, p.10-15, ago. 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A GESTÃO ESCOLAR

Nome:

Idade:

Cargo:

Tempo de atuação:

Escola:

Essas três perguntas são apenas para organização dos dados, em hipótese alguma seu nome será divulgado sem a sua permissão.

Questões

- 1- No ensino remoto vocês identificaram muitas dificuldades de aprendizagem? Quais?
- 2- Como foi o retorno do ensino remoto para o presencial?
- 3- Quais foram as principais dificuldades enfrentadas pela escola no retorno ao presencial?
- 4- No retorno, mediante as dificuldades enfrentadas no ensino remoto, quais medidas foram tomadas pela escola para reestruturação e amenizar o impacto na educação.
- 5- Quais são as avaliações que vocês fazem dessas medidas?

Caso queira trazer alguma complementação, sinta-se à vontade, será muito importante te ouvir, esse é o momento em que você pode trazer sua fala, desmontando seus sentimentos enquanto gestor e coordenador, desde o momento de pandemia ou/e neste momento de retorno ao presencial.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS DISCENTES

Nome:

Idade:

Escola ao qual estuda:

Questões

- 1- Para você, como foi o retorno do ensino remoto para o presencial?
- 2- Quais foram as principais dificuldades enfrentadas pela escola no retorno ao presencial?
- 3- No retorno, mediante as dificuldades enfrentadas no ensino remoto, quais medidas você percebe que foram tomadas pela escola para enfrentar essas dificuldades?
- 4- Que avaliações que vocês fazem dessas medidas? Foram boas, excelentes...
- 5- Para você o que a direção da escola poderia ter feito para facilitar o retorno ao ensino presencial?

Caso queira trazer alguma complementação, sinta-se à vontade, será muito importante te ouvir, esse é o momento em que você pode trazer sua fala, desmontando seus sentimentos enquanto aluno, desde o momento de pandemia ou/e neste momento de retorno ao presencial.